

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

IGOR BERNARDES CABRAL DE MORAIS

**ENSAIO SOBRE A ESTRANHA, ABSURDA E LONGA (tanto em tempo quanto em espaço)
JORNADA QUE FOI SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS**

VOLUME II

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

IGOR BERNARDES CABRAL DE MORAIS

ENSAIO SOBRE A ESTRANHA, ABSURDA E LONGA (tanto em tempo quanto em espaço) JORNADA QUE FOI *SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS*

VOLUME II

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Escrita Criativa

Orientadora: Profa. Dra. Marie-Hélène Paret Passos

Porto Alegre
2017

AGRADECIMENTOS

Tayenne Cabral, por seu amor e apoio, constantes e irrestritos.

Márcio e Tessa, por me colocarem no caminho dos livros, da leitura e do conhecimento.

Marie-Hélène Passos, por sua ótima orientação, sempre com dicas preciosas, além de fornecer a liberdade e a confiança necessárias para um trabalho criativo.

Adriana Mendonça e Marcos Ramos, meus chefes, por toda ajuda e incentivo.

André, Cacá, Emir, Felipe, Gabriel, Iuli, Julia, Laila, Tiago, Rodrigo, e a infiltrada Débora, a melhor e mais amável turma que um *estrangeiro* poderia desejar.

Os demais colegas da PUCRS, que me ajudaram de muitas formas – em especial Davi, meu baiano preferido.

Luciana e Levi, queridos anfitriões porto-alegrenses.

Carlos, Cássio, Frederico, Victor, e Tayenne de novo (e sempre), por suas leituras, irmandade e paciência.

E todos que dividiram comigo os momentos lindos e horríveis de uma juventude brasiliense.



RESUMO

Esta dissertação é formada por duas partes distintas: o romance *Salve o Povo que Assim te Quis*, e o ensaio que analisa o processo de escritura deste desde suas motivações – com grande ênfase à cidade de Brasília, local da ação e personagem da história –, até as impressões posteriores de seus primeiros leitores e também de seu autor sobre a obra.

Palavras-chave: Brasília. Escrita criativa. Processo de escritura. Serviço público.

ABSTRACT

This dissertation is formed by two distinct pieces: the novel *Salve o Povo que Assim te Quis* (*Hail the People who Willed you So* in a literal translation), and an essay that analyses the writing process of it since its motivations – with great emphasis on the city of Brasília, local of the action and character of the story –, until the posterior impressions of its first readers and also of its author about the work.

Keywords: Brasília. Creative writing. Public service. Writing process.

SUMÁRIO

VOLUME I: ROMANCE

SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS.....	3
I.....	5
II.....	50
III.....	92
Posfácio e demais diatribes desnecessárias do narrador.....	145

VOLUME II: ENSAIO

INTRODUÇÃO	7
ENSAIO SOBRE A ESTRANHA, ABSURDA E LONGA (tanto em tempo quanto em espaço) JORNADA QUE FOI <i>SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS</i>	8
Problemas e angústias.....	9
A escritura.....	16
Pós-escritura.....	31
Alguns documentos do processo de escritura.....	38
REFERÊNCIAS	57
Teóricas.....	57
Palestras.....	60
Lista de obras.....	61

INTRODUÇÃO

Este ensaio é parte de uma dissertação de mestrado em Escrita Criativa, e tem como objetivo analisar e discutir as motivações e conceitos que guiaram a escritura de *Salve o Povo que Assim te Quis* – a outra parte da dissertação, ficcional.

A análise se dará em quatro seções, as três primeiras abrangendo cada um dos passos da escritura: a primeira trata do momento anterior a esta, e abordará com maior profundidade as motivações por trás da história e a preparação para sua execução.

A segunda observa o período da escritura que terminou com a finalização da primeira versão completa do romance, e se atém aos procedimentos utilizados e às influências sofridas na execução da obra.

A terceira reflete sobre o momento imediatamente posterior, quando as primeiras críticas recebidas influenciaram as mudanças efetuadas nas versões posteriores; e também sobre como as leituras de ficção ocorridas neste momento determinaram as novas versões, assim como a minha relação e visão pessoal da obra.

A última seção apresenta alguns documentos do processo de escritura do romance: anotações, apontamentos, e exemplos de rasuras em cinco diferentes versões de *Salve o Povo que Assim te Quis*.

ENSAIO SOBRE A ESTRANHA, ABSURDA E LONGA (tanto em tempo quanto em espaço) JORNADA QUE FOI SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS

Problemas e angústias

Um ensaio que se pretenda refletir sobre como foi criar e escrever *Salve o Povo que Assim te Quis* (daqui em diante referido como CCC¹) deve, sem dúvida, partir do que de fato engendrou a história, e perguntar: de onde, afinal, ela saiu? Mas isso é um enorme problema para mim, que a escrevi, pois seria o equivalente a perguntar a mim mesmo – e é o que tenho feito há alguns ou vários dias para escrever a resposta aqui – por que o que me interessa me interessa? Por que eu gosto do que gosto? Ou ainda, por que eu sou quem eu sou? Perguntas às quais eu não tenho a mais breve ideia de como responder, e tudo o que poderia fazer é improvisar diversas meias verdades que soariam autoengrandecedoras ou cheias de falsa modéstia, e no fim não responderiam nada relevante.

Para uma resposta mais realista talvez fosse interessante pensar em outra pergunta, uma para a qual eu tenho uma resposta e evidências que a suportem: quando a ideia por trás da história nasceu?

A primeira vez que a reconheci como um germe de história e me dispus a desenvolvê-la foi em algum momento do primeiro trimestre de 2013, quando, conversando com amigos sobre outro escrito, fui perguntado sobre o que escreveria a seguir. A resposta foi imediata, e a certeza com que falava até me surpreendeu, pois ainda não havia pensado conscientemente sobre ela até aquele momento: seria uma história passada dentro do serviço público, e teria Brasília como pano de fundo; uma história de três servidores e dos caminhos e escolhas que a cidade e o serviço lhes oferecem; uma história de estabilidade e loucura.

O que foi dito como um chiste de bar, e encarado como tal pelos presentes, revelou-se um ideia poderosa que me contaminou², ou provavelmente já contaminara antes, dada a facilidade com que aquele conceito se estabeleceu e se desenvolveu: alguns dias depois escrevi num documento de anotações para outra história que desenvolvia uma pequena

¹ A partir do instante em que a história que viria a ser *Salve o Povo que Assim te Quis* começou a se formar eu sempre me referi a ela, inclusive em pensamentos, pela sigla CCC, derivada do título provisório Concurso-Carro-Carimbo, que foi o utilizado quando da banca de qualificação do projeto. Satisfeito com o novo título, não consigo, contudo, parar de associar a história à sigla, e por isso ela ainda me parece mais adequada para este texto reflexivo.

² A noção de contaminação na literatura foi abordada pelo escritor Bernardo Carvalho no curso que lecionou no Delfos da PUCRS, quando afirmou que era um mau leitor, e que evitava ler contemporâneos por temor de que fosse contaminado. O mesmo termo é também utilizado por Derrida (2013, p. 107), mas sob outro prisma, ao analisar a singularidade e a generalidade simultâneas da literatura, enfatizando sua iterabilidade, a capacidade de se adequar a diferentes realidades com o mesmo apelo.

tipologia de quase uma página, que destaquei do restante das notas do documento com o subtítulo “Os tipos de servidores públicos”, que era o refinamento de ideias que apareceram ao conversar com um colega do trabalho algum tempo antes, e que eu vinha ruminando. Ali também aparece uma reflexão de algumas linhas pensada para o livro, e a versão primária do diálogo que veio a se tornar a primeira conversa entre Ivan e Heródio na copa, quando Heródio revela os sonhos que o têm acometido – uma versão que apresentava nomes das pessoas reais que modelaram as personagens, revelando que estas ainda não existiam a não ser como manifestação dos conceitos da tipologia definida, que por sua vez foi desenvolvida com base nas minhas observações como servidor público. David Foster Wallace inicia seu influente ensaio *E Unibus Pluram* trocando da dependência que os escritores de ficção têm de suas observações:

Fiction writers as a species tend to be oglers. They tend to look and to stare. The minute fiction writers stop moving, they start lurking, and stare. They are born watchers. They are viewers. They are the ones on the subway about whose nonchalant stare there is something creepy, somehow. Almost predatory. This is because human situations are the writers’ food. Fiction writers watch other humans sort of the way gapers slow down for car wrecks: they covet a vision of themselves as witnesses.³

Observações⁴ estas que foram aprimoradas através das conversas com diversos amigos também servidores, e da experiência relatada por colegas mais antigos. Apesar de uma certeza pessoal de que o diálogo precede à tipologia, a versão mais antiga de tal documento que encontrei é datada de 19/05/2013, e mesmo sabendo que houve anteriores, não salvas ou renomeadas, considero esta uma boa aproximação do ponto de origem de CCC.

Origem em um senso astronômico, como o ponto de onde iniciaram as observações, ou como o ano-base de uma série temporal de índices econométricos, e não no sentido puramente matemático das coordenadas de Descartes, onde a origem é o ponto em que os n eixos possíveis se cruzam, se intersectam, se coordenam – este momento, que considero impossível de ser determinado, me faz recordar a imagem dos anéis olímpicos utilizada pelo

³ “Escritores de ficção, como uma espécie, tendem a ser curiosos. Eles tendem a espreitar e a encarar. No minuto que os escritores de ficção param de se mover eles começam a espreitar, e encarar. Eles são observadores natos. Eles são espectadores. Eles são aqueles no metrô em cujo olhar indiferente há algo assustador, de alguma forma. Quase predatório. Isto porque as situações humanas são o alimento do escritor. Escritores de ficção assistem outros humanos tipo como os curiosos desaceleram em acidentes de carro: eles anseiam uma visão de si mesmos como testemunhas.” [Tradução livre] Wallace (1993, p. 151).

⁴ Concordando com Wallace, imagino o que meus olhares indiscretos não podem ter levado meus colegas a pensarem de mim. Mas como não há outro modo, a não ser o obsessivo consumo televisivo que o ensaio dissecou, devo me resignar e ser um curioso/assustador.

professor Assis Brasil⁵, e que lhe fora sugerida por Cyro Martins como alegoria para a inspiração criativa na arte: ocorre no subconsciente a união dos anéis, que representam vários conceitos ou ideias dormentes que são abruptamente, por um choque com o real, puxadas para o consciente e dão forma à criatividade (processo que o professor associa também à inspiração), puxadas de um ponto em que todos os anéis se intersectem e assim podem sair unidos e semicoesos –; este ponto $O(0,0,\dots,0)$, origem conceitual-temporal de CCC, é indefinível, e deve todos seus ligamentos, como enfatizado pelo professor, a uma vida de experiências e interesses intelectuais, culturais e artísticos que por algum motivo se conectaram.

Conscientemente, até onde posso afirmar, o gatilho criativo de CCC foi um momento de ruptura pessoal, quando aos vinte e sete anos de idade me vi formado, mas desinteressado nas possibilidades que minha graduação poderiam me oferecer, empregado – e de forma vitalícia –, mas desencantado com o que fazia diariamente; sensação aumentada pelas observações das pessoas que adentraram ali comigo, que tinham, cada uma a sua maneira, sérios problemas a lidar – ou aos quais sucumbir –, problemas que o dinheiro ou a estabilidade de nossos cargos em nada poderia nos ajudar. E era o mesmo que observava em amigos de infância ou colegas de faculdade, grande parte dos quais agora também servidores. Ao mesmo tempo a ideologia dos concursos continuava a professar que aquela era a vida ideal, objetivo a ser alcançado por todos⁶.

O pacote de discurso imbuído em tal ideologia gerava em mim um desconforto, e a observação do pacote de comportamento que a complementava se tornou uma angústia tremenda. O psicólogo social Serge Moscovici, em seu estudo *Representações Sociais*, explica que:

Devemos extrair da massa considerável de índices de uma situação social e de sua temporalidade, e esses índices tomam a forma de traços linguísticos, arquivos, e, sobretudo, ‘pacotes de discurso’; examiná-los atentamente permitirá que alguma luz seja lançada sobre o que repetem – de um lado, sobre o que eles repetem permanentemente –, o problema da redução semântica – e, por outro lado, sobre o que os motiva e os fundamenta –, o

⁵ Em palestra sobre a escrita criativa proferida na Universidade de Brasília, na aula inaugural do primeiro semestre de 2016. Uma elaboração próxima, mas não idêntica, foi feita pelo professor em uma entrevista em 2014 à revista *Hoblicua*.

⁶ Para compreender o peso e o alcance desta ideologia basta acessar o maior *website* de notícias do Distrito Federal, cuja seção destinada aos concursos públicos não por acaso é a referência básica de qualquer concurseiro do país, e, junto da política, nacional e distrital, o principal produto jornalístico ali oferecido.

problema daquelas “ideias” que de algum modo possuem o status e axiomas, ou princípios organizativos, em determinado momento histórico para certo tipo de objeto ou situação.⁷

A angústia também provinha de mais um problema: crescer em Brasília ensina muito sobre as vicissitudes de um local que é único em seu projeto, ao mesmo tempo em que é mero reflexo do Brasil da segunda metade do século XX, o que provavelmente contribuiu para aumentar a singularidade da vida na capital. O arquiteto Dilton Almeida Jr. (2016, p. 8-9) reflete que:

a cidade de Brasília [...] suscita as mais diversas críticas em diversos campos. Seja no sentido da construção de uma ideia de síntese das artes onde o urbanismo detém a capacidade de resolver problemas estruturais da sociedade ou ainda na relação paradoxal de utopia/distopia que se fez presente na concretização do sonho da nova capital, Brasília assumiu para si a categoria de “acontecimento”, amalgamando em seus processos históricos tempos heterogêneos e estruturas mito-poéticas que definitivamente sedimentaram a capital como referência para o país e para o mundo. Brasília é uma cidade que nasceu abstrata enquanto ideia, mas dada à concretização de seu projeto, tornou-se cidade vivida. Como organismo vivo e exposto à ação dos fluxos dos homens, a utopia moderna passou a ser apropriada e dessacralizada cotidianamente pelos seus cidadãos, pelos praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 1998). A metrópole moderna nesse sentido é capaz de causar deslumbramentos pela sua arquitetura, pelo seu espaço projetado, mas torna-se também espaço para crítica através da experimentação de sua vivência cotidiana. [sic]

Não existe grande questão ou distorção nacional que não esteja ali representada, mas a aura de influência, riqueza e o poder vigente pode nos levar a pensar que são apenas contratempos de menor significância – e serão mesmo, dependendo de quem você for. Contudo, para as pessoas comuns, absoluta maioria da cidade, os pequenos problemas enfrentados num dia a dia tão específico podem dar à vida um tom frustrante para o qual a promessa de bom salário dali em diante e o *status* e influência que uma carreira renomada⁸ oferecem podem se assemelhar à promessa de salvação eterna do cristianismo. Mas, assim como um fanático para quem nada importa, pois sua alma já está salva, a promessa só será válida se você estiver disposto a ignorar a realidade à sua volta: disposto a transformar Brasília em uma ilha da fantasia pessoal.

⁷ Moscovici (2003, p. 217).

⁸ Não à toa o servidor concursado é também designado legalmente como “estatutário”.

O que em outras palavras significa aceitar e lutar pelo pacote de comportamento que se dissemina pela cidade⁹; pois muitos têm algum grau de dependência de pessoas que trabalham para o Estado, e outros tantos pretendem fazer parte desse grupo, e desde já se preparam para encaixar-se em suas regras, aceitando-as de antemão, como se isso fosse ajudá-las de alguma forma em seus intuitos.

Como o sociólogo Howard Becker afirma nas palavras iniciais do seu *Outsiders*: “Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las”¹⁰; observar o crescimento até a aparente onipresença da ideologia concurseira e suas regras, ao mesmo tempo em que conhecia a realidade por trás dela – tanto do serviço em si quanto da cidade –, realidade esta que naquele exato momento me desagradava de uma forma sem precedentes, alimentou a angústia que sentia de tal modo que não era mais suportável: algo teria de ser feito para provocar uma mudança. Como era impossível mudar a realidade, esta mudança teria de ser feita em mim, na minha percepção daquela realidade.

CCC nasce, então, de um desejo duplo: como manifestação política anti-ideológica¹¹, e como símbolo de um esforço físico, intelectual e estético que me ajudaria a achar um ponto de menor desconforto com minha própria realidade – em consonância com o que diz Willemart (2009, p. 163): “A arte não substitui a análise, nem a análise a arte, mas ambas usam uma linguagem específica, centrada no sujeito através do imaginário, para tentar arrancar um pedaço do real e simbolizá-lo.”

⁹ Legalmente, segundo os termos da Lei Orgânica, todo o Distrito Federal é Brasília, que não é considerada um município, mas um ente *sui generis* que funciona na prática como município e estado da federação. A realidade tratada em CCC em geral se atém ao que é chamado de Plano Piloto, e também aos Lagos, o projeto original – a antiga Região Administrativa I –; neste caso, contudo, refiro-me a todo o DF e também ao Entorno, áreas que são, a despeito de suas realidades completamente distintas, igualmente sujeitas à influência esmagadora da ideologia concurseira e seus pacotes de discurso e comportamento.

¹⁰ Becker (2008, p. 15).

¹¹ Durante o curso do escritor Sérgio Rodrigues no Delfos da PUCRS eu perguntei-lhe sua posição sobre a relação entre literatura e política, ao que ele respondeu prontamente ser contra: a literatura não deveria ser uma bandeira, pois perderia sua qualidade em detrimento de uma mensagem (Bernardo Carvalho havia declarado posição muito similar). Quando citei *Os Demônios* e *1984* como exemplos, porém, sua resposta se alterou, e, reconhecendo a qualidade das obras, destacou que em sua opinião esta decorria do desejo de dissecar e criticar, e não defender, uma ideologia, qualquer que ela fosse – ao criticar a literatura mostraria o real, ou uma tentativa honesta (termo bastante utilizado por Hemingway e Faulkner para definir a boa literatura) de real, que se perderia quando ela fosse um meio de provar uma tese; o mais eminente exemplo de fracasso sendo o “realismo socialista” soviético.

Assim como meus textos anteriores, inicialmente este seria escrito durante as noites e finais de semanas, e a escassez de tempo possível para dedicação à escrita fez com que a ideia não fosse desenvolvida no papel, mas os conceitos e linhas gerais relativos a ela foram sendo lentamente definidos em meu íntimo. A falta de outras evidências de escrita comprovam minhas lembranças: a história foi pouco trabalhada durante o ano que se passou, até a chegada da Copa do Mundo de 2014, um ponto de inflexão no desenvolvimento da história de CCC. E por um motivo bastante fortuito.

Brasília foi uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, e assim durante o mês de junho a cidade recebeu grande quantidade de turistas brasileiros e estrangeiros, o que gerou uma onda de orgulho ufanista da cidade por parte de seus moradores¹² que se aproximou bastante da alienação coletiva. Um destes turistas estrangeiros era o planejador de transporte urbano americano Patrick Gough, que disse à uma reportagem do *New York Times* sobre a cidade: “eu me sinto mal pelas pessoas que vivem aqui e são tão isoladas umas das outras”¹³. A reportagem foi reproduzida por veículos nacionais, e causou impacto nas redes sociais, que estavam naquele momento tomadas pelo orgulho brasileiro. Alguns dias depois um texto em resposta à reportagem se espalhou rapidamente pela internet, chamando a atenção da mídia¹⁴, o que me chamou a atenção. Na leitura da resposta eu encontrei diversos elementos do pacote de discursos já citado, e percebi que este assumia na minha geração uma característica que não existia antes: uma necessidade de afirmar a cidade, e não mais apenas o serviço. Aquele tsunami de orgulho brasileiro durante a Copa não era uma onda passageira, era uma tendência; e era ali que estava o meu livro.

Não bastava apenas discutir o serviço público como instituição, era necessário discutir Brasília e o serviço público como uma coisa só; e nada mais justo, porque os dois são,

¹² Novamente estou generalizando para toda população do DF e Entorno, apesar do turismo ter se centrado no Plano Piloto, onde está o Estádio Nacional Mané Garrincha. O curioso é que em geral existe um sentimento de rivalidade da parte dos moradores das cidades-satélite, e principalmente do Entorno, com relação a esta região, que foi deixado de lado durante aquele junho de 2014. Fenômeno similar ocorreu durante a exibição da minissérie *Felizes para Sempre?* na Rede Globo no primeiro trimestre de 2015 (O *Correio Brasileiro* publicou matéria sobre isso, “*Brasília se vê na tevê em minissérie global – e muitos brasileiros gostam*”, em 28/01/2015. Disponível em <http://bit.ly/1WqJt5P>, acesso em 27/04/2016).

¹³ “*Brasília, a Capital city that’s a place apart*”, 22/06/2014. (Disponível em <http://nyti.ms/1szf6xj>, acesso em 27/04/2016) [Tradução livre].

¹⁴ “*Brasiliense responde americano que disse ter pena de quem mora em Brasília*”, *Correio Brasileiro*, 25/06/2014. (Disponível em <http://bit.ly/1VVSMMvo>, acesso em 27/04/2016).

na verdade, indissociáveis¹⁵. Existe, é claro, serviço público em todas as cidades e estados brasileiros; e em todo o mundo, para ser mais correto. Porém o brasileiro é único, pelo fato de Brasília ser única em seu projeto utópico, “experimento falido” nas palavras de Patrick Gough ao *NYT*, “um belo sonho ideológico que se tornou um pesadelo na prática” para o urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos¹⁶, “cemitério da esperança” para Benjamin Moser¹⁷, “uma prisão ao ar livre” para Clarice Lispector¹⁸. E um paraíso para os concurseiros. Mas não para os concursados, ou melhor, estatutários.

A história que contaria deveria ser de uma decepção: a mesma decepção que o Brasil inteiro teve com Brasília, que foi em poucos anos de símbolo de um novo e melhor país¹⁹, a “Capital da Esperança” dos anos JK, à sede de uma ditadura militar²⁰, e após o final desta, ícone maior da mal afamada política nacional²¹. A mesma que eu, meus amigos e colegas estávamos sentindo com nossas carreiras – e que os servidores mais antigos até troçavam. O irônico é que ao mesmo tempo eu esperava que escrever tal história seria de alguma forma transformador para mim, e isto foi algo que me motivou, como um desafio: contar uma história de decepção enquanto fugia dela.

No dia 25/06/2014 enviei-me um e-mail com anotações tomadas durante o trabalho²², o que acabou por se tornar um hábito pela facilidade de acesso e garantia que a

¹⁵ Duplamente indissociáveis, pois Brasília não existiria sem o serviço público: foi criada para sediá-lo; assim como o serviço público brasileiro não poderia, hoje, imaginar-se sem Brasília: com a centralização dos recursos na figura da União, instituída pela Constituição de 1988, a esfera federal ganhou influência preponderante sobre estados e municípios, assim como Brasília sobre todo o Brasil. O crescimento descontrolado também a estabeleceu como uma das maiores e mais ricas cidades do país, a mais influente metrópole do interior brasileiro profundo.

¹⁶ Ferreira dos Santos (2008 [1979], p. 199), *Brasília: Antologia Crítica*.

¹⁷ Moser (2014), *Cemitério da Esperança*.

¹⁸ Lispector (1964), *Brasília: Cinco Dias*.

¹⁹ “O Rio de Janeiro tinha histórias e costumes. Brasília, o sonho da modernidade. Para deixar de ser apenas sonho, foi criada uma demanda: a modernidade do Brasil passa por Brasília! Não havia outro meio, para os mudancistas, de desenvolver o país senão pela transferência da capital.” Libardi e Duarte (2014, p. 7).

²⁰ Brasília foi a maior e mais importante obra do Plano de Metas, que teve como consequência imediata um enorme endividamento do país: para financiar-se o governo utilizou a senhoriação – prática de emissão de moeda para pagamento de dívidas – e gerou uma espiral hiperinflacionária e consequente crise econômica que foi uma das causas e justificativas utilizadas pelos militares e seus apoiadores para o Golpe de 1964. Além disso, a distância dos grandes centros populacionais urbanos contribuiu para que os governantes militares solidificassem seu regime a partir da nova capital sem grande oposição da opinião pública.

²¹ O que muito incomoda os brasileiros, que insistem que Brasília é muito mais do que a política. E é mesmo; mas também não é.

²² Anotações que acabaram entrando nas versões acabadas de CCC desde então, sem praticamente nenhuma mudança.

caixa de e-mails fornece – mais tarde passei a me enviar gravações com reflexões pós-escrita²³: a ideia era constituir um diário da escritura, que apesar de não ter tido regularidade acabou por cumprir seu papel.

Pouco mais de um mês depois, no dia 29/07, mais um e-mail, desta vez sugerindo estudar e utilizar o conceito nietzschiano de “eterno retorno do mesmo” e associá-lo ao *déjà vu*. Em agosto, mais três e-mails, nos dias 14, 15 e 28, todos com sugestões de redação que não foram utilizadas, assim como os apontamentos dos e-mails de setembro e outubro. Em dezembro foram três mensagens: a primeira, do dia 10, com uma passagem de *A Morte de Ivan Ilitch*; a segunda no dia 24, com referência ao primeiro livro do Eclesiastes, e a última, do dia 29, com um diálogo brevíssimo – as três sugestões foram incorporadas nas versões acabadas da história.

A esta altura eu fora aceito para o mestrado em escrita criativa, e estava decidido que CCC seria minha dissertação: uma estrutura já se desenhava, mas não há qualquer documento que a revele, apenas um e-mail de janeiro de 2015 com o *link* da reportagem sobre a série global²⁴. Recordo, porém sem muita certeza, ter esboçado um início da escritura com narração em primeira pessoa, durante o mês de fevereiro, em Porto Alegre, que seria um perfeito exemplo do “falso início” de que fala de Biasi (2010, p. 48): “isto é, as várias fases preliminares abortadas e que exploraram a mesma ideia de redação, com variações que podem evidentemente ser consideráveis a cada nova tentativa”.

Como não há documento ou anotação que confirmem, prefiro desconsiderar, lembrando os diversos relatos de artistas e criadores sobre a inconfiabilidade das recordações elencado por Salles (2011, p. 104); pode ser uma peça da minha “memória adúltera”.

A escritura

Fato é que no dia 11/03/2015 a escritura de CCC começou efetivamente, como comprovam a criação de um documento de “Apontamentos e notas” (1), do primeiro documento chamado “CCC” (2), e a primeira das 28 gravações pós-escrita (3).

O arquivo com notas (1) revela uma primeira versão da estrutura da história relatando seu desenvolvimento, desenlace e arremate, com notas indicativas sobre os nomes

²³ Sob a sugestão da professora Marie-Hélène Paret Passos, que orientou este trabalho.

²⁴ Minha última observação de Brasília feita *in loco*, três dias depois eu iria para Porto Alegre e só retornaria após finalizada a primeira versão de CCC, no final do ano.

das três personagens principais: Ivan, Geraldo e Heródio²⁵. Cada uma delas deveria seguir um dos tipos de servidores das anotações anteriores – a tipologia também está entre os apontamentos, assim como o diálogo entre Heródio e Ivan, as reflexões, diálogos e observações que eu havia me enviado por e-mail, e notas tomadas em papéis avulsos e no celular que foram reunidas. No final do documento aparecem novas orientações: sugestão de leituras sobre arquitetura, ideias e situações a serem esmiuçadas no texto final, e até uma reflexão sobre o vocabulário a ser utilizado:

Leituras sobre Brasília e sua arquitetura (ver e-mail). Ler mais sobre Le Corbusier, Niemeyer, Lucio Costa e sobre o concurso para a construção de Brasília

- Brasília é artificial e sintética (cada uma por sua razão distinta – esmiuçar).
- Brasília, a não-cidade
- Metáfora do plantio por muda, as raízes e a organicidade de uma cidade.
- Descrição de dois brasilienses que se conhecem desde a infância se cruzando na rua

Seria interessante tentar fazer o vocabulário da história utilizando na primeira parte grande quantidade de termos e linguagem burocrática; o que com o passar do tempo se tornaria mais leve e refinada (mas não excessivamente “alta”). Mas acho que vou deixar isso para o final, após a estrutura já estar pronta, o primeiro manuscrito acabado; vai ficar para a edição final mesmo, senão eu temo que isto pode meu desenvolvimento.[sic]

Este arquivo acompanhará todo o processo de escritura, ele mesmo sendo modificado com o passar das etapas, seja com a inclusão de novas ideias, seja com a utilização de “rasuras de utilização”, no sentido definido por de Biasi (2010, p. 77):

De fato, no decorrer de uma redação, o escritor é muitas vezes levado a produzir e a utilizar um grande número de manuscritos e documentos com estatutos mais ou menos diversos (planos, notas documentais, listas, versões sucessivas, rascunhos e outros). À medida que o trabalho avança, será essencial para o *scriptor* separá-los entre aqueles elementos preparatórios que já foram utilizados, para os quais não precisa mais voltar, e aqueles que permanecem ativos para a continuação da redação. Encontram-se, então, riscos cuja função não é a supressão, e sim a desativação: servem para indicar que um segmento foi utilizado.

A primeira versão do documento “CCC” (2) tem nove páginas, e foi abandonado apenas oito dias depois, dia 19/03/2015. Ela apresenta uma prosa em primeira pessoa com estrutura e temática similares às das versões finais: o narrador (Ivan) começa falando das

²⁵ Os sobrenomes indicados nas notas foram trocados nas versões finais.

opiniões dos brasileiros sobre a cidade, e se apresenta, introduzindo sua história com um tom irônico. Este seria reflexo do meu intuito original²⁶, de que ao final um Ivan indignado renegasse o serviço e a cidade, lavando a alma com os escárnios de seu relato e partindo para ser feliz em qualquer lugar²⁷ após Heródio cometer suicídio ao invadir a repartição armado e ameaçar Ivan e Geraldo de morte. O jogo se daria entre um Ivan aparentemente louco que se salva, um Heródio aparentemente são que se destrói, e um Geraldo indiferente – e mais bem sucedido e satisfeito que os dois. Nos “Apontamentos” (1), porém, a história já estava estabelecida em sua forma final, com a inclusão de outros três personagens: Verônica, Afonso e Andrada²⁸.

A primeira gravação (3) já revela interesse em distanciar a história da minha própria, pois muito do que tinha anotado até ali era baseado diretamente em minhas experiências, fatos reais. Generalizar era imprescindível: não seria uma repartição – que acabaria por ser, assim, sempre a minha repartição –, seria qualquer repartição; os personagens não teriam cargos, teriam quaisquer cargos²⁹.

As preocupações deste primeiro momento de escrita revelam muitas dúvidas, sobre praticamente tudo do livro, mas uma certeza: sua estrutura. A primeira gravação revela um interesse anterior em capítulos, que logo se moldaram em três grandes capítulos, ou atos, separados por seções que com o passar do livro refletiriam a crescente confusão temporal de Ivan. O motivo que me levou à estrutura em três atos não me é exato, simplesmente pareceu correto que assim o fosse; talvez pelo motivo que Mamet (2001, p. 15) aponta:

Nosso mecanismo de sobrevivência ordena o mundo em causa-efeito-conclusão. Freud chamava a música de “perversidade polimorfa”. Temos prazer com a música porque ela insinua um tema, o tema se auto-elabora e depois chega a uma resolução, e aí ficamos encantados como se aquilo fosse uma revelação filosófica, embora essa resolução seja desprovida de conteúdo verbal.[sic]

Maciel (2003, p. 42-43, 53-57) fala da curva dramática, que compara à curva do orgasmo, e segundo ele definiria a estrutura tradicional dos roteiros, relacionando aos três atos do drama tratados por Mamet. Joseph Campbell (1949) atribui a estrutura narrativa que batiza

²⁶ Não documentado.

²⁷ Sem dúvida uma versão otimista do que eu mesmo buscava naquele momento.

²⁸ Que seriam renomados como Raquel, Acácio e Sérgio.

²⁹ Por algum tempo hesitei se representaria burocratas em carreiras de elite ou medianas; a terceira gravação, de 19/03/15, demonstra uma reflexão sobre exatamente isso. Acabei por optar por um ponto intermediário: burocratas de uma carreira de elite lotados em uma área pouco interessante exercendo um trabalho tedioso e repetitivo – algo absolutamente comum na administração.

de monomito às pulsões do subconsciente humano, e enfatiza sua função como análoga aos ritos de passagem e mitos religiosos. A naturalidade na emergência de tais modelos pode também refletir ainda uma manifestação da dialética hegeliana no comportamento das personagens; Pallotini (1989, p. 25) lembra que:

diz Hegel, os conceitos contrários se negam mutuamente; a supressão dessa negação se realiza num novo conceito que, harmonizando os conceitos anteriores, nega a negação anterior. Essa interpretação dos contrários compreende a sua exclusão; trata-se de um movimento interior que se dá através do confronto de coisas ou conceitos opostos. Dois conceitos se defrontam, são excludentes, se interpenetram, e dão origem a um terceiro, resultado, por assim dizer, dos dois primeiros.

Ou, como defini na primeira gravação: “o primeiro momento, tudo é novo, empolgação; depois uma acomodação, no segundo momento, a percepção do que é real ali; e no fim o desfecho: a acomodação ou a desilusão”.

Se a estrutura não era um problema, o ponto de vista narrativo era. Com a intenção constante de me afastar de Ivan³⁰, rapidamente abandonei a ideia de uma narração em primeira pessoa, que apenas contribuiria para que tal confusão aumentasse. Como nos primeiros dez dias da escritura o assunto me atormentava³¹, resolvi que a narração em terceira pessoa era a solução, refletindo também uma predileção pessoal. Wood (2012, p. 17-21) analisa a dicotomia primeira-terceira pessoa:

Posso contar uma história na primeira ou na terceira pessoa, e talvez na segunda pessoa do singular e na primeira do plural, mesmo sendo raríssimos os exemplos de casos que deram certo. E é só. [...] Na verdade estamos presos à narração em primeira e terceira pessoa. A ideia comum é de que existe um contraste entre narração confiável (a onisciência da terceira pessoa) e a narração não confiável (o narrador não confiável na primeira pessoa, que sabe menos de si do que o leitor acaba sabendo). [...] As pessoas consideram que a onisciência do autor não existe mais, como não existe mais aquele ‘imenso brocado musical roído de traças chamado religião’. [...] Para [W. G.] Sebald e para muitos outros escritores como ele, a narração onisciente padrão, em terceira pessoa, é uma espécie de trapaça que não se usa mais. Porém, os dois lados da questão estão sendo caricaturados. Na verdade, a narração em primeira pessoa costuma ser mais confiável que não confiável, e a narração ‘onisciente’ na terceira pessoa costuma ser mais parcial que onisciente. O narrador na primeira pessoa em geral é muito

³⁰ Uma das primeiras leitoras de CCC foi minha mulher, que insiste que eu e Ivan somos muito próximos, “praticamente a mesma pessoa”, e utiliza como argumento, além de ideias e de fatos reais, o nome do personagem: “se não fosse igual a você por que teria esse nome?” Talvez ela esteja correta; mas tenho como uma certeza pessoal que o nome do personagem principal decorre de referências a outros Ivans, Ilitch e Karamazov, de quem o protagonista é uma tentativa de amálgama. Falta convencê-la.

³¹ As três primeiras gravações trazem a mesma reflexão.

confiável; [...] Até o narrador que não parece confiável costuma ser confiavelmente não confiável [...] sabemos que o narrador não está sendo confiável porque o autor, numa manobra confiável, nos avisa dessa inconfiabilidade do narrador; o romance nos ensina a ler o narrador. A narração inconfiavelmente não confiável é muito rara – quase tão rara quanto um personagem de fato misterioso, genuinamente insondável. [...] Por outro lado, a narração onisciente poucas vezes é tão onisciente quanto parece. Para começar, o estilo do autor em geral tende a fazer a onisciência da terceira pessoa parecer parcial e tendenciosa. O estilo costuma atrair nossa atenção para o escritor, para o artifício da construção autoral e, portanto, para a marca pessoal do autor. [...] A chamada onisciência é quase impossível. Na mesma hora em que alguém conta uma história sobre um personagem, a narrativa parece querer se concentrar em volta daquele personagem, parece querer se fundir com ele, assumir seu modo de pensar e de falar. A onisciência de um romancista logo se torna algo como compartilhar segredos; isso se chama *estilo indireto livre* [...] ³²

A mudança trazia consigo alguns problemas, como os comentários que passara a inserir dentro da narração³³ – julgamentos do narrador diretamente ao leitor sobre os fatos que narrava. Estes não revelariam mais um Ivan que faz “como fez Sinatra: compra um carro e vai embora”³⁴, que era a ideia de final original. Com o crescimento da personagem Sérgio a história se tornava ainda mais trágica: Heródio não seria mais um desequilibrado que se suicida no trabalho³⁵, e sim um atirador com final violentíssimo. Isso resultaria em um Ivan não apenas desiludido, mas, acima de tudo, culpado por ter encontrado sua redenção, mas ter destruído Heródio indiretamente com suas ações e inações, uma culpa que o destruiria completamente e transpareceria através de suas intromissões e das diatribes finais.

A quarta gravação, do dia 25/03, é um relato da troca do tempo verbal da narração, e nela há reflexões sobre as mudanças nas intromissões do narrador: de narrador-protagonista indiscreto a narrador onisciente intruso. Friedman (2002, p. 172-179) distingue oito pontos de vista narrativos: autor onisciente intruso, narrador onisciente neutro, “eu” como testemunha (narrador-testemunha), narrador-protagonista, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático e câmera. Os dois primeiros tipos, que são em terceira pessoa, diferem pelas intromissões feitas pelo autor onisciente intruso e a discrição do narrador onisciente neutro. Tendo em conta esta definição, prefiro pensar que no início de

³² O escritor Sérgio Rodrigues, em sua palestra na PUCRS, também revelou uma visão muito próxima à que Wood atribui a Sebald e outros escritores sobre a onisciência.

³³ Na segunda gravação eu registro que havia começado a fazê-los.

³⁴ Raul Seixas, *Al Capone* (1973).

³⁵ Diversos são os relatos de servidores que se suicidam em seus empregos: uma breve pesquisa na internet mostra fatos recentes (<http://bit.ly/1rFGEmj>), e de dois anos atrás (<http://bit.ly/1NGBv71>) ocorridos no Judiciário; há o caso mais notório dos policiais federais na fronteira (<http://bit.ly/1P3XeAk> e <http://bit.ly/1i2wYa3>) – uma pesquisa de 2013 revelou que os agentes são a carreira mais insatisfeita do serviço público (<http://bit.ly/1SPzEM4>, links acessados em 29/04/2016);

CCC existe a figura do narrador onisciente intruso, pois as intromissões são do narrador – que é também o protagonista, mas narra em terceira pessoa³⁶ –, e não do autor, como era o caso de Tolstói, exemplo citado por Friedman, ou de Steinbeck em *As Vinhas da Ira*. A ideia era que haveria uma transição durante o livro de uma pseudo-onisciência em terceira pessoa para uma onisciência seletiva, mas ainda em terceira pessoa, o que Rosenfeld (1968) e Wood (2012) identificam como *estilo indireto livre*. Esta transição entre estados narrativos seria perpassada por lapsos em primeira pessoa e por fluxos de consciência alterada – possíveis reflexos da culpa³⁷ de Ivan ao escrever o relato –, com um final em que o narrador se revela o “herói” da história, e sugere o final da sua jornada.

Na mesma gravação o personagem Sérgio é referido, pois foi neste momento que decidi que ele teria função primordial: seria o salvador do final da história. De todos os personagens de CCC é ele o mais “real”, pois é deliberadamente inspirado em uma pessoa com quem trabalho há anos, e o meu objetivo ao introduzi-lo era aumentar a presença do dia a dia na repartição: ele seria um comentador³⁸, uma personagem plana³⁹, quase alegórica.

Quando idealizei o diálogo entre Ivan, Sérgio e Melkerson pretendia apenas revelar as opiniões da contraparte ontologicamente possível do personagem Sérgio sobre as armas, mas no mesmo dia que o escrevi fui contaminado pela ideia de que ele tinha que ser o responsável por matar Heródio no final, ideia que de início repudiei. Mas a profundidade que este ato daria ao personagem, as repercussões em seu discurso e em seus – poucos – atos seriam tão formidáveis que sequer fui capaz de tentar resistir. Nem mesmo o nome da personagem eu pude mudar⁴⁰, pois apesar do intuito de não utilizar um nome “verídico” numa personagem, até por uma questão de respeito à sua contraparte, foi impossível abrir mão de um nome cujos significados mais comuns são “guardião” e “protetor”.⁴¹

Tudo isto tornaria Ivan ainda mais mórbido ao final da história, assim como suas intromissões narrativas ao longo do relato. Ele não poderia mais ser apenas um mal-

³⁶ Como Pelé e Dadá Maravilha.

³⁷ Ou apenas da ebbriez.

³⁸ Maciel (2003, p. 80) define o comentador, resquício do coro da tragédia grega, responsável por repercutir socialmente as ações do protagonista e do antagonista, auxiliando os espectadores; acredito também na função do comentário, reflexão ou crítica que eles podem tecer sobre a sociedade, ou o grupo, em que a história está inserida.

³⁹ “Flat”, na definição clássica de Forster (1927), discutida também em Cândido (1968) e Wood (2012).

⁴⁰ Eu bem que tentei: nas primeiras versões da história ela se chamava Andrada, nome que acabou sendo atribuído a outra personagem nas versões finais.

⁴¹ Uma “realidade carregada de ficção”, como define Salles (2011, p. 103).

humorado, ranzinza, ou casmurro; precisava ser mais do que isso. As leituras de *A Gaia Ciência* e do livro de *Eclesiastes* me fizeram aceitar o que então pareceu óbvio: não era desilusão que ele sentiria, isso seria um estágio na “evolução” de sua jornada ao longo da história. Ao final ele deveria estar devastado, destruído pela repetição contínua de uma vida que detestava e lhe parecia irreal⁴² e só poderia haver o vazio – uma das grandes marcas da arquitetura da capital. O niilismo se tornava um *leitmotiv* que determinaria muitas das escolhas que levaram às versões finais.

Múltiplos aspectos começaram a se encaixar a partir daí: a gravação de 29/03, a quinta, revela a juntada de materiais sobre Brasília e o modernismo na arquitetura⁴³. As leituras⁴⁴ se estenderam ao longo dos próximos dois meses, e me inteiraram da longa discussão intelectual que foi a construção de Brasília, despertando um alerta para que o livro não se tornasse apenas a repetição de velhas análises que, em geral, fossem favoráveis ou contrárias, feitas por pessoas que nunca moraram em Brasília: era importante que as situações e os fatos que vivenciara, frutos não de abstrações intelectuais, mas dos hábitos e pequenas coisas diárias que compõem uma cidade, se mostrassem e fortalecessem a história; a velha distinção entre o contar e o mostrar⁴⁵ se impunha – se haveria alguma crítica que eu pretendia fazer à cidade, ela tinha que ser mostrada, embasada em realidades, e não decretadas como verdades narrativas oniscientes⁴⁶. Julgamentos da parte de personagens poderiam até aparecer, mas nunca como argumentações téticas e intelectualizadas, apenas como pequenas observações do dia a dia. Apesar de estar tratando de um dos maiores clichês da cidade como tema, interessava mostrar uma Brasília da qual não se costuma falar, e para isso eu teria de lançar mão do único personagem que estava completamente à minha disposição, Ivan, e do que os outros personagens pudessem revelar ao longo da história, em diálogos e situações.

⁴² Como o Phil Connors de *Feitiço do Tempo*, mas sem o final feliz.

⁴³ E também a preocupação em não permitir que a visão acadêmica sobre a cidade me contaminasse.

⁴⁴ Com destaque para os estudos dos arquitetos Milton Braga, sobre o concurso público que decidiu o projeto vencedor, Jeferson Tavares, sobre os projetos apresentados no certame, e Kenneth Frampton, sobre a história do modernismo na arquitetura; assim como os ensaios de Clarice Lispector, e do crítico literário e seu biógrafo, Benjamin Moser, sobre a cidade; os estudos de enfoque sociológico organizados pelo professor Aldo Paviani, da UnB, dentre eles o ensaio do professor Paulo Bicca, da PUCRS; e a variada antologia organizada por Júlio Katinski e Alberto Xavier.

⁴⁵ Celebremenente discutida por Henry James em *A Arte da Ficção* – e por muitos outros escritores depois –, com enfoque no mostrar em detrimento do contar, considerado forma narrativa inferior, o que é um conceito sedimentado em alguns manuais de escrita criativa, sob o lema “*show, don't tell*”.

⁴⁶ O que não impediria Ivan de falar algumas coisinhas eventuais.

O próximo passo para ajudar a desenvolver tais situações era buscar uma imersão literária e artística que me auxiliasse a construir, a partir dos fragmentos de acontecimentos reais que eu pretendia utilizar como fundamento da história, o prédio em três atos que eu projetara⁴⁷. Minha imersão artística e o esforço diário da escritura forneceriam a liga necessária⁴⁸ para ele crescer e tentar manter-se de pé. Salles (2011, p. 103) relembra que:

Borges (1984) afirma que todos os fatos oferecidos pela vida ao artista têm um sentido: tudo funciona como argila, material que deve ser aproveitado em sua arte. ‘Todas as coisas nos foram dadas para serem transformadas: fazer com que as circunstâncias miseráveis de nossa vida se tornem coisas eternas ou em vias de eternidade’.

Li obras que de alguma forma poderiam ajudar a causar a inspiração sugerida por Cyro Martins, ou relembrei as já lidas. Livros como *Cem Anos de Solidão*⁴⁹, *Dom Casmurro*, *Os Demônios*, *Memórias do Subsolo* e *A Queda*⁵⁰, *Madame Bovary*⁵¹, *O Homem Duplo*, *1984*, *Laranja Mecânica*, *Nós*, *Admirável Mundo Novo*⁵², *Solaris*, *Confissões de um Comedor de Ópio*, *As Palavras*, *A Tristeza Extraordinária do Leopardo-das-neves*, *Clube da Luta* e *Psicopata Americano*, dentre outros, são obras que de alguma forma influenciaram a escritura de CCC.

Albert Camus foi um caso a parte, pois sua influência cresceu de tal maneira que ele também se tornou um dos motivos do livro. E com grande participação do acaso:

Aceitar a intervenção do imprevisto implica em compreender que o artista poderia ter feito aquela obra de modo diferente daquele que fez. Admite-se, assim, que outras obras teriam sido possíveis. Discutir a intervenção do acaso no ato criador vai além dos limites da ingênua constatação da entrada, de forma inesperada, de um elemento externo ao processo. Por um lado, o artista, envolvido no clima da produção de uma obra, passa a acreditar que o mundo está voltado para sua necessidade naquele momento; assim, o olhar

⁴⁷ Sem elevador, como os blocos das 400.

⁴⁸ O concreto armado?

⁴⁹ Cujo fascinante estilo narrativo é muito mais baseado no contar do que no mostrar, ao contrário do que é considerado “correto”.

⁵⁰ Sendo estes provavelmente os dois maiores ícones literários niilistas.

⁵¹ A ideia de Flaubert, enfatizada pelo professor Assis Brasil em sala de aula, de literatura que traz destruição, e não o contrário – o tão enfatizado e repisado poder edificante e salvador da literatura – influenciou-me bastante em CCC.

⁵² Brasília como distopia era um conceito que já nutria, sendo objeto de escritos anteriores, e que apenas se fortaleceu depois da leitura do ensaio *Brasília: Mitos e Realidades* do arquiteto e professor Paulo Bicca, no qual ele afirma que o estilo da capital foi fundamentado nos princípios da grande indústria. A inspiração taylorista na arquitetura e na organização social é retratada em diversas obras distópicas, com destaque para *Nós* e *Admirável Mundo Novo*, onde tal conceito é bastante desenvolvido e discutido.

do artista transforma tudo para seu interesse, seja uma frase entrecortada, um artigo de jornal, uma cor ou um fragmento de um pensamento filosófico.⁵³

A *Queda* era uma influência, como já citado, e, por já possuir contato com o mito grego e sua óbvia aplicabilidade ao serviço público⁵⁴, *O Mito de Sísifo* era uma referência que seria futuramente incorporada à narrativa. Porém, o acaso atacou, desvelando para mim o artigo de Geske (2014) sobre *O Primeiro Homem*⁵⁵ – obra que o autor francês deixou inacabada por ocasião de sua morte num acidente de carro. O que mais chamou minha atenção foi o fato de que nela Camus utilizava o mesmo artifício que eu pretendia para CCC – a ruptura da prosa em terceira pessoa com lapsos da primeira, que sugeriam a confusão entre narrador e protagonista. O que até aquele momento era apenas um intuito se concretizou como uma certeza através da confiança que aquele acaso forneceu: tudo se encaixou, e Camus passou de referência teórica-literária à temática.

Outras influências em CCC foram decorrentes do acaso, como *O Mestre e Margarida* e *Teatro*, que eram leituras sugeridas para o seminário do escritor Bernardo Carvalho, mas que me contaminaram de uma maneira que foi impossível não utilizá-los. O caso de *Teatro* é mais emblemático do “poder criador do acaso” de que fala Salles: de repente deparei com a leitura de uma obra que abordava o Catarismo⁵⁶; e que, como um “brinde”, ainda tratava de loucura, e do hedonismo e destrutividade da pornografia.

Os anéis começavam a se unir mais uma vez: eu já possuía contato com os estudos históricos de Hans Jonas e Eric Dodds sobre o gnosticismo como movimento religioso-filosófico, e de Roger Beck sobre o mitraísmo em específico. *Teatro* levou-me a relembra-los e mostrou que poderiam ser muito úteis, em especial o epílogo do livro de Jonas, *Gnosticism, Nihilism and Existentialism*⁵⁷, onde o filósofo alemão traça a evolução histórica do niilismo “moderno”, associado à Nietzsche e aos existencialistas – tratando inclusive do *Ser e Tempo* de Heidegger – como sendo um desdobramento do niilismo “antigo”, que relaciona a doutrinas esparsas de gnósticos, em oposição ao ideal gnóstico de ascetismo como

⁵³ Salles (2011, p. 42).

⁵⁴ Ou à vida humana como um todo, como defendido por Camus.

⁵⁵ Por meio da apresentação da minha colega Caroline Joanello durante os seminários da disciplina Crítica Genética; apresentação esta que, como sugere Salles, parecia ter sido feita somente para mim.

⁵⁶ Movimento de ascetismo religioso europeu dos séculos X-XII, com fortes influências da teologia gnóstica. Em seu ápice tornou-se tão popular, especialmente no sul da França, que a Igreja os considerou uma heresia e lançou a Cruzada dos Albigenses para erradicá-los.

⁵⁷ Jonas (1958, p. 320-340), *The Gnostic Religion*.

único caminho para a salvação do espírito (*pneuma*⁵⁸) em um *cosmos* completamente corrompido desde sua criação pelo Demiurgo, o falso Deus venerado por judeus e católicos. Tais doutrinas esparsas, Jonas argumenta, teriam deturpado as mensagens de Valentim, Marcião, Maniqueu e outros teólogos gnósticos, e, tomados pela ideia de que a existência era corrupta e que não havia escapatória ao fato de que nada nela possuía sentido real, muitas vezes se dedicavam à busca do prazer como objetivo de vida, e apresentavam uma não-moral, ou anti-moral cristã, decorrente da aceitação de um mundo corrompido – e foram estas doutrinas de moral heterodoxa que o cristianismo primitivo utilizou como propaganda contra o gnosticismo na batalha pelas almas de fiéis na Antiguidade tardia e Idade Média. Jonas argumenta que há muitos pontos comuns nas doutrinas filosófico-religiosas niilistas “antigas” e “modernas”, incluindo aí o neopaganismo de figuras como Helena Blavatsky e Aleister Crowley⁵⁹.

A releitura de Jonas me deixou com tantos anéis nas mãos quanto Sonic, ou Lorde Sauron Gorthaur. Dois grandes temas, ou motivos, determinariam CCC: Brasília e o niilismo-gnosticismo, e deles cresceriam submotivos que poderiam⁶⁰ se entrelaçar, tendo mais de um significado.

Além de inspirar as temáticas e suas evoluções, a música passara a compor a redação, e a escolha das canções utilizadas se deu pela intertextualidade de suas composições com a história, em sua maioria músicas de *Metal*, gênero com grande influência do niilismo-gnóstico identificado por Jonas, com destaque para o *Black Sabbath*, banda precursora do estilo, tanto estética e musicalmente quanto na temática de suas letras. As músicas escolhidas também tiveram impacto criativo, pois as escutava, dentre outras, durante o processo de escritura.

⁵⁸ Segundo a teologia gnóstica, parte divina de cada ser, enviada pelo criador bondoso, o *deus alienígena*; em oposição à alma (*psyche*), que é a prisão material e astral do espírito.

⁵⁹ Autor d’*O Livro da Lei*, teve enorme influência no desenvolvimento do *Rock and Roll*, e em seu desdobramento, o *Heavy Metal*; exemplos disso são a presença de uma foto sua entre as personalidades representadas na capa de *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*, e referências a ele em músicas dos Beatles, Led Zeppelin, Rolling Stones, David Bowie, Black Sabbath, Iron Maiden, Ozzy Osbourne (que tem uma canção intitulada *Mr. Crowley*); no Brasil, em Raul Seixas e Paulo Coelho (o refrão de *Sociedade Alternativa* é “faz o que tu queres, pois é tudo da lei”, retirado d’*O Livro*). São interessantes também as associações com W. B. Yeats, William Somerset Maugham, Fernando Pessoa, James Joyce, Ezra Pound, Ernest Hemingway (que o cita em *Paris é Uma Festa*), Ford Madox Ford e a “geração perdida”; além de Salvador Dalí, Aldous Huxley e diversos outros artistas da primeira metade do século XX.

⁶⁰ Na verdade deveriam.

Um dos submotivos principais foi o carro, uma tecnologia que moldou a visão modernista na arquitetura – em que o deslocamento a pé nas cidades “tradicionais” seria algo ultrapassado pelo advento do transporte pessoal automotivo, abrindo possibilidade para uma nova escala na concepção urbana –, e que por isso é uma das características fundamentais de Brasília. Não à toa ele é um dos principais itens do pacote de comportamento brasileiro, talvez a mais importante manifestação do que Thorstein Veblen chamou de consumo conspícuo⁶¹:

[...] parece que a utilidade de ambos [ócio e consumo conspícuos], para fins de boa reputação, repousa no elemento de dispêndio, a ambos comum. Num caso, o dispêndio é de tempo e esforço; no outro, de bens. Ambos são métodos de demonstrar a posse da riqueza, e os dois são convencionalmente aceitos como equivalentes. A escolha entre eles é questão de simples conveniência publicitária [...] A questão consiste em saber a qual desses dois métodos reagirão com maior eficácia as pessoas cujas convicções se deseja afetar. O uso respondeu a essa questão de diferentes modos em diferentes circunstâncias [...] os meios de comunicação e a mobilidade da população expõem o indivíduo à observação de muitas pessoas que não têm outros meios de julgar da sua boa reputação exceto mediante a exibição de bens (e talvez de educação) que ele esteja apto a fazer enquanto estiver disposto a sua observação direta.⁶²

Em Brasília o carro é a mercadoria-fetice por excelência, e a imagem de um carrão⁶³ desfilando por suas ruas intermináveis e vazias de humanidade é a epítome de um hipotético encontro entre Karl Marx, Georg Simmel e Max Weber⁶⁴.

Como reflexo direto disso temos uma espécie de “morte do *flâneur*”⁶⁵, especialmente na vida adulta, com todos seus horários e compromissos. Dirigir um carro se torna o *flâneur* possível, mesmo não sendo o verdadeiro, se pensarmos “na clássica atividade dos romances pós-flaubertianos”⁶⁶ apontada por Wood, mas o legítimo *flâneur* brasileiro, o que apenas aumenta o estranhamento em relação à cidade e a alienação dos personagens.

Porém, o consumismo dos carros, viagens e restaurantes é apenas um lado da luxúria de uma cidade, e da vida, moderna. Os vícios, do qual o consumismo é uma faceta mais aceita, e até invejada, podem se apresentar também no consumo de substâncias ou no

⁶¹ Assim como as viagens, em especial as para o exterior, configuram a principal forma brasileira de ócio conspícuo.

⁶² Veblen (1983, p. 42)

⁶³ De preferência alemão, para compor melhor a imagem.

⁶⁴ Ou: “O fetice da mercadoria e a moda da burocracia”.

⁶⁵ Como definiu o professor Ricardo Barberena durante a banca de qualificação deste trabalho: “Brasília é a morte do *flâneur*”.

⁶⁶ Wood (2012, p.35).

sexo, e quase sempre parecem ligados a uma necessidade de ser/estar – ou parecer – feliz a qualquer custo e a todo momento, talvez o ponto em que a “modernidade líquida” de que fala Zygmunt Bauman esteja mais influenciada pelo hedonismo dos gnósticos, que em nosso tempo não é mais a busca irrestrita pelo prazer, mas a busca irrestrita pela aparência do prazer: um hedonismo-publicitário.

Classes and individuals who demand constant change, because the rapidity of their development gives them the advantage over others, find in fashion something that keeps pace with their own soul-movements. Social advance above all is favorable to the rapid change of fashion, for it capacitates lower classes so much for imitation of upper ones, and thus the process characterized above, according to which every higher set throws aside a fashion the moment a lower set adopts it, has acquired a breadth and activity never dreamed of before.⁶⁷

O pacote de comportamento que propaga e é propagado pela ideologia concursista contempla e permite ao seu propagador inserir-se em tal modelo com bastante destaque, o que é um dos principais motivos para ser tão desejável. Mas ele vem com um preço, como tudo mais na vida. Como gostava de observar Milton Friedman: “não existe almoço grátis”⁶⁸, especialmente se ele for em um restaurante refinado, e durar toda uma vida. O preço a ser pago é justamente a angústia e o sofrimento que me levaram a escrever CCC: a anedonia que ataca Ivan e alguns de seus colegas, assim como muitos servidores públicos.

Após alguns anos no serviço, a justificativa e escapatória dos sentimentos suscitados parece ser a qualidade de vida – via consumo ou via Brasília – que este permite à pessoa, e enfatizá-la torna-se um mantra para os que não estiverem dispostos a gastar grandes porções de seus salários com psicólogos, psiquiatras e antidepressivos. Tudo isso em uma cidade em que a monumentalização, a solidão e o distanciamento são marcas viscerais do planejamento urbanístico: “o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem.

⁶⁷ “Classes e indivíduos que demandam mudança constante, porque a rapidez de seu desenvolvimento os dá vantagem sobre outros, acham na moda algo que mantêm o passo com seus próprios movimentos da alma. O avanço social, acima de tudo, é favorável à rápida mudança na moda, pois capacita as classes mais baixas para a imitação das mais altas, e assim o processo caracterizado acima, segundo o qual cada camada superior abandona uma moda no momento em que uma mais baixa a adota, adquiriu um escopo e atividade jamais sonhada antes.” [Tradução livre] Simmel (1957, p. 556).

⁶⁸ *There's no such thing as a free lunch* é o título de um livro publicado por ele em 1975, o que o tornou parte do léxico comumente chamado de “neoliberal”; porém o uso do termo é mais antigo, sendo uma mensagem recorrente no livro *The Moon is a Harsh Mistress*, de Robert A. Heinlein, publicado em 1966.

Muitas vezes, o espaço influencia a personagem⁶⁹ a agir de determinada maneira. [...] O que era diferente vai-se homogeneizando através do espaço em que vive.”⁷⁰

Por tudo que foi abordado até aqui é perceptível que o espaço onde se desenrola a história, a cidade de Brasília, é um personagem tão importante quanto Ivan, Heródio ou Geraldo. Tanto como conceito básico da construção da narrativa, quanto como definidora das incipientes identidades culturais que marcam as personagens, as qualidades e defeitos da capital têm influência ubíqua. Apesar de parecer “apenas” pano de fundo de uma história, a cidade desempenha função proeminente na ficção, papel este que se intensificou na produção contemporânea:

Um dos aspectos significativos da produção literária atual é a perplexidade quanto ao desafio de se articularem, no cenário do final do século e do milênio, identidades coletivas estáveis. Tal perplexidade coletiva é marcada, no entanto, pela certeza de que para se falar de identidade coletiva é imprescindível que se fale de cidade, que se fale da grande metrópole, forma de organização social mais tipicamente contemporânea e que melhor representa a maneira como o homem da atualidade se relaciona com o espaço e se organiza no tempo. [...] Não é aleatório, portanto, o fato de a literatura contemporânea eleger a grande cidade como referência privilegiada. A cidade surge não apenas como cenário para o desenrolar de um enredo, mas enquanto agente determinante da significação da narrativa como um todo. A cidade surge, assim, como personagem.⁷¹

Os vazios de Brasília compõem uma existência burocrática⁷², e para preenchê-los lança-se mão dos prazeres que a cidade disponibiliza: o poder, o consumo, a fé, o uso recreativo de drogas, o sexo; juntos e/ou separados; e assim o círculo vicioso se retroalimenta: Ivan se aliena de tudo e todos à sua volta, e sua vida passa a se resumir ao ciclo vicioso que tanto o prejudica. Sem família, amigos ou um relacionamento amoroso sério, acaba numa espiral em aceleração rumo à aniquilação de si mesmo. Cada vez mais amargo e perdido, finalmente quebra a solidão veicular e resolve perambular pelas ruas da cidade a pé, como fazia quando era mais novo. E dessa perambulação ele tirará as conclusões que o impulsionam para o final da história.

⁶⁹ E não apenas a personagem, como também as pessoas “reais”. A atitude blasé de que fala Simmel é um exemplo desta ascendência do espaço, no caso a metrópole moderna, sobre o comportamento dos indivíduos.

⁷⁰ Borges Filho (2008, p. 2).

⁷¹ Santos (1999, p. 131-132).

⁷² “A tecnocracia tende a homogeneizar o espaço com um objetivo primordialmente regulador, gerando a tendência, na cidade, de todos os lugares parecerem iguais. O que importa é o modo como o espaço pode ser convertido em cenário indiferenciado para o funcionamento das máquinas técnicas e burocráticas.” Santos (1999, p. 134).

O flunar de Ivan assume papel preponderante no andamento do livro, e para desenvolvê-lo busquei uma obra em particular: *Fome*, de Knut Hansum. Assim como Ivan, o narrador de Hansum está fora de suas plenas capacidades psíquicas, e suas andanças parecem apenas fortalecer tal condição, ainda mais por serem feitas entre delírios causados pelo jejum, ou pelas drogas que agora são consumidas sem nenhum autocontrole. Suas conclusões e pensamentos parecem dar força para mantê-lo em sua caminhada, mas ao mesmo tempo o aproxima da obliteração psicológica, e a negação de tudo na sociedade e na cidade em que vive. Este ponto de inflexão tanto na história quanto na personalidade de Ivan é ressaltado e destacado pela fusão narrativa entre o Ivan-personagem e o Ivan-narrador – que vinha até este momento mantendo-se como um ente quase à parte – num fluxo de consciência narrativa entorpecida.

Para Ivan tal negação não poderia vir de outra forma que não na negação tanto dos pacotes de discurso e comportamento concurseiro quanto da cidade de Brasília em si, e se dá em seu pedido de exoneração de seu cargo, e em sua vontade de partir da cidade que amou sem querer e odiou sem poder.

Ele enfim encontra sua redenção, mas ela chega tarde, e é acompanhada por uma tragédia que ele sabe ser responsável, mesmo que indiretamente; e a culpa derivada desta responsabilidade termina por obliterá-lo de uma vez por todas no mesmo dia em que ele imaginou ter visto a luz no fim do túnel.

Antes de mais nada, ainda que ninguém descubra a impropriedade ou imponha as regras contra ela, o indivíduo que cometeu a impropriedade pode agir ele próprio como impositor. Pode marcar a si mesmo como desviante em razão do que fez e punir-se de uma maneira ou de outra por seu comportamento.⁷³

O posfácio, onde um Ivan desiludido descarrega suas frustrações em julgamentos sobre tudo e todos, serve como a coroação de um jovem que tinha tudo para ser feliz e bem sucedido, mas que de alguma maneira escolhe não o ser simplesmente por não ver motivos para isso: se for para viver daquela forma que ele tão bem conhece; se foi por aquilo que ele lutou e buscou durante toda uma vida; se aquele é o ideal que Brasília representa; a escolha parece bem simples, e até mesmo óbvia para a pessoa que Ivan é, ou foi em algum momento. Ele acaba por renegar a filosofia da rebelião como a salvação para o absurdo da existência

⁷³ Becker (2008, p. 42).

defendida por Camus, e aceitando o hedonismo e o suicídio como únicas fugas, aproxima-se, então, do personagem Kirillov de *Os Demônios*.

As gravações finais revelam um desenvolver muito rápido da escritura neste momento final da história, com poucas dúvidas quanto aos acontecimentos e predominância de uma escrita mais livre e fluída; que é intercalada com momentos de revisão de todo o texto em busca de incongruências. As três últimas, dos dias 31/10, 01/11 e 02/11 mostram relatos e descrições do que fora e seria escrito, e nenhum questionamento.

A última, no feriado de finados, revela minha alegria, e também uma reflexão sobre o alívio por haver terminado a escrita da primeira versão, que naquele momento já se tornara uma obrigação a ser cumprida antes de minha volta para Brasília^{74, 75}.

⁷⁴ No final daquele mês de novembro eu iria percorrer novamente os 2.123,9 quilômetros que separam Porto Alegre de Brasília. De carro, claro.

⁷⁵ O motivo desta volta precoce não poderia ser outro que não a temática da história que acabara de escrever. Apesar de licenciado da burocracia para cursar o mestrado, fui afetado pela edição da Medida Provisória nº 689, publicada na Edição Extra de 31 de agosto de 2015 do Diário Oficial da União, que assim ordenou:

“MEDIDA PROVISÓRIA Nº 689, DE 31 DE AGOSTO DE 2015

Altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º A Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 183.
....."

§ 3º Será assegurada ao servidor licenciado ou afastado sem remuneração a manutenção da vinculação ao regime do Plano de Seguridade Social do Servidor Público, mediante o recolhimento mensal da contribuição própria, no mesmo percentual devido pelos servidores em atividade, acrescida do valor equivalente à contribuição da União, suas autarquias ou fundações, incidente sobre a remuneração total do cargo a que faz jus no exercício de suas atribuições, computando-se, para esse efeito, inclusive, as vantagens pessoais.

....." (NR)

Art. 2º Fica revogado o § 2º do art. 183 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

Art. 3º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação, produzindo efeitos a partir do primeiro dia do quarto mês subsequente ao de sua publicação.

Brasília, 31 de agosto de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF
Nelson Barbosa”

Ou seja, eu teria que pagar um terço do meu salário para continuar licenciado. O que, pelo fato de eu não estar recebendo, e, assim, o meu empregador, o Estado brasileiro, não estar incorrendo absolutamente nenhum custo comigo, é tão absurdo quanto o fato de que seis meses depois o próprio

Pós-escritura

Finalizada e revisada a primeira versão, repassei cópias a algumas pessoas, esperando por suas análises e opiniões. Enquanto isso fazia questão de não pensar em nenhum aspecto da história, apenas me dedicando a outras atividades e leituras. Encerrado o ano letivo, e de volta à Brasília, me dediquei a reencontrar amigos e festejar o final de ano com familiares. Ao final destas “férias”, influenciado por dois amigos, comecei a ler *Graça Infinita*, a obra prima do mesmo David Foster Wallace citado no início do presente ensaio.

Enquanto avançava no calhamaço do autor americano recebia as impressões de meus primeiros leitores. Sendo muitos deles moradores de Brasília, vários comentários destacavam o pano de fundo do livro – o serviço público –, e a evolução da percepção deste ao longo da história. A utilização de locais e linguajares brasilienses⁷⁶ foi exaltada, assim como os diálogos, e sua predominância como propulsores da ação⁷⁷. Porém, várias foram as ressalvas a uma possível dificuldade para leitores não familiarizados com a capital e sua gente, o que poderia tornar a leitura difícil e não proveitosa para estes. Como tal opinião se repetia, ficou claro que havia ali um problema a ser resolvido.

A primeira leitora não brasiliense foi minha orientadora, que, entre comentários estruturais e de caracterização das personagens, mais uma vez observou que a linguagem e os locais referidos na narrativa foram uma barreira para seu entendimento completo do texto, e sugeriu que eu buscasse universalizar mais a narrativa. Aqui cabe reafirmar que um dos objetivos primários do livro era expor Brasília, e que talvez por isso uma universalização completa fosse impossível, por ser a capital brasileira uma cidade tão única em seu desenho, história e estruturação socioeconômica. Apesar da ressalva conceitual, o problema persistia: como tornar o livro mais palatável para um leitor não iniciado às peculiaridades da cidade sem abrir mão de certo hermetismo proposital ao tratar desta?

governo, confuso que só ele, duvidasse da própria Medida, e a deixasse caducar sem sequer incitar a deliberação pelo Congresso Nacional, motivo pelo qual se você pesquisar sobre a MP 689 encontrará seu texto todo riscado, como, e.g., aqui: <http://bit.ly/2dmGwUM>. O texto perdeu o prazo de vigência em fevereiro de 2016, mas então já era meio tarde pra mim, já de volta à capital e ao serviço. Não que isso seja necessariamente ruim. Mas é deveras absurdo.

⁷⁶ Um dos leitores chegou até a me alertar que algumas utilizações de idiomatismos locais, como, por exemplo, os do personagem Melkerson, poderiam render más interpretações e críticas, o que não concordo.

⁷⁷ Aspecto em que estou em pleno acordo com a opinião expressada pela escritora Ana Paula Maia durante seu curso no Delfos da PUCRS, quando ela defendeu a função dos diálogos como locomotivas narrativas e como ótima forma de expressão e caracterização das personagens, e revelou sofrer críticas por seus livros possuírem diálogos “em excesso”.

A solução, que me foi sugerida por minha mulher após sua leitura, foi a utilização de notas de rodapé explicativas para algumas siglas e nomes específicos, como no caso do Chifrudo, ou do SMLN. Imerso na leitura de *Graça Infinita*, com suas 388 notas de rodapé, a sugestão me pareceu uma brincadeira do acaso, mais uma das que estive sujeito durante esta absurda jornada, e a acatei imediatamente. A utilização das notas, contudo, não se ateve apenas à função explicativa, e estas se multiplicaram até as atuais catorze notas, sendo algumas exemplificadoras ou citacionais⁷⁸.

Muitas críticas focaram no tom do livro – principalmente o do narrador – e no destino do personagem Ivan, que consideraram excessivamente negro e desesperançado: um dos leitores comparou a história ao *Black Metal* e sua temática sombria⁷⁹, afirmando que precisou abandonar a leitura em alguns momentos; outro⁸⁰, extremamente incomodado com as intromissões do narrador, que mais pareciam para ele “os comentários irritados do Alexandre Garcia no DFTV”⁸¹, sugeriu que retirasse todas, sob o risco do livro ser estragado, assim como a seção final, *Posfácio e demais diatribes do narrador*, taxando-as “desnecessárias”⁸².

É curioso reparar que o mesmo *Posfácio*, assim como as intromissões narrativas, foi elogiado por outros leitores; o mesmo se deu com diálogos e situações da história que foram muito bem aceitas por uns e rejeitadas por outros⁸³. A subjetividade da recepção por parte de cada leitor se mostrou preponderante, e a disparidade de opiniões me deu confiança para reafirmar algumas das concepções narrativas que se construíram ao longo da escritura.

Um ponto que foi, e ainda é, muito abordado pelos leitores é a questão do componente biográfico da história. Todos os leitores de certa maneira fazem alguma menção ao fato de que a história contada em CCC ser na verdade, a minha, do autor deste ensaio, e não a de Ivan, o narrador-personagem. Acredito que tal confusão seja comum, e até mesmo natural, no momento histórico em que vivemos, superpovoado de meta e autoficções,

⁷⁸ A influência de Wallace nas notas é clara e inegável, apesar de em CCC ser comedida. Neste ensaio, como se pode perceber – em especial na nota de rodapé nº 75 –, deu-se o contrário.

⁷⁹ O que, devo confessar, me lisonjeou um pouquinho, pois o *Black Metal* talvez seja o subgênero do *Metal* que mais faz uso do imaginário filosófico-religioso gnóstico-niilista, para o bem e para o mal. Ao menos algo da minha proposta inicial havia dado certo.

⁸⁰ Sendo este leitor o mesmo que alertou quanto ao risco de má interpretação.

⁸¹ Essa comparação foi incômoda, e me fez reler e reescrever todas as intromissões, e, em alguns casos, modificar completamente o seu conteúdo.

⁸² Daí a mudança, após substancial modificação do texto, para *Posfácio e demais diatribes desnecessárias do narrador*, uma homenagem ao querido amigo, que tinha lá sua razão.

⁸³ A listagem de atrizes pornográficas sendo o caso mais extremo, algumas vezes defenestrada e outras muito elogiada. Essa variação me fez introduzir uma lista de atores pornográficos em uma das notas.

pseudorealidades e vídeos amadores em celulares. A reflexão de Pino e Zular (2007) sobre questões éticas que envolvem os estudos genéticos me parece caber aqui de forma muito certa, ao apontar a existência de um fetiche com relação aos documentos do processo de escritura, com a popularização das publicações destes, ou e de seus análogos em outras artes, como o *making of*:

A referência contínua ao “processo inacabado” pode dar o bote e funcionar como uma ilusão interpretativa que atrela a obra a um sentido oculto [...] Esse novo aspecto “oculto” do texto, seu “processo de criação”, restringe a própria construção ficcional pelo leitor, que fica impregnado de uma tautologia de “explicar” a obra, restringindo-a às suas malhas produtivas [...] A ênfase excessiva no processo pode funcionar como um veto à ficcionalidade: nos preocuparíamos tanto em saber como uma obra é feita a ponto de não precisarmos mais acionar o imaginário, relacionar a obra ao que não é ela mesma, ou seja, operar criticamente.⁸⁴

Como se o fato de uma obra ser mais ou menos real anulasse tudo que ela carrega dentro de si, tornando tudo irrelevante diante dos bastidores de sua concepção. Esta maneira equivocada de interpretar uma obra também é ecoada na análise de Wood sobre as muitas críticas ao realismo, que revelam uma enorme preocupação com os procedimentos dele, mas ignoram sua capacidade de gerar o que ele chamou de “vida animada [*lifeness*]: a vida na página, a vida que ganha uma nova vida”⁸⁵. A análise de Todorov (2009), sobre os perigos que rondam a literatura também é uma reflexão na mesma linha: a negligência que se dá aos livros e ao que suas histórias podem ensinar, em detrimento de análises críticas que são fruto de concepções teóricas pré-estabelecidas sobre a literatura como um todo – e também sobre o mundo.

Também por isso o *Posfácio* foi escrito e reescrito como foi, sendo uma pequena brincadeira da minha parte para com o leitor, que algumas vezes já está totalmente convencido àquela altura do texto de que eu e Ivan somos a mesma pessoa⁸⁶. Refletindo sobre a questão autobiográfica, Camus escreveu:

⁸⁴ Pino e Zular (2007, p. 185-186).

⁸⁵ Wood (2012, p. 198)

⁸⁶ E aqui está uma das (poucas) coisas boas que escrever este ensaio me propiciou: minha própria mulher, que após ler o livro defendia tal ideia, como já dito na nota nº 29 q.v., após ler tamanha racionalização intelectual das diferenças entre Igor, Ivan-personagem e Ivan-narrador, parece ter sido finalmente convencida de que somos seres distintos. Ufa! Para alguma coisa toda a trabalhadeira e todo o sofrimento e pressão autoinfligidos que acompanharam a redação deste ensaio – muito superiores às mesmas sensações suscitadas durante a redação da história *per se* – me valeram, afinal. (Existe sempre a possibilidade de ela estar mentindo para me agradar.)

A suposição de que inevitavelmente todo escritor escreve como si próprio e retrata a si mesmo em seus livros é uma dessas puerilidades que nos foi legada pelo Romantismo. Não está de todo excluída, ao contrário, a possibilidade de que um artista se interesse em primeiro lugar pelos outros, ou pela época em que vive, ou ainda por certos mitos que lhe são familiares. Mesmo quando se coloca em cena, pode-se considerar como fato excepcional que o artista fale de sua pessoa como é na realidade. As obras de um homem, muitas vezes, narram a história de suas nostalgias ou de suas tentações, quase nunca, porém, sua própria história, principalmente quando os livros pretendem ser auto-biográficos. Homem algum jamais ousou descrever-se tal como é. Na medida em que isso fosse possível, eu teria gostado de ser, ao invés do que sou, um escritor objetivo. Denomino objetivo o autor que se propõe temas, sem jamais colocar-se a si próprio como assunto da obra. Mas a fúria contemporânea, no sentido de confundir a personalidade do escritor com o tema por ele escolhido, não saberia admitir essa relativa liberdade do autor.[sic]⁸⁷

Antes de completar a segunda versão, porém, finalizei a leitura de *Graça Infinita*, e as temáticas e situações que CCC tinha em comum com aquele livro que até pouco tempo atrás sequer havia ouvido falar me surpreendeu. O fantástico segundo capítulo de *GI*, do *Ano da Fralda Geriátrica Depend*, em que Ken Erdedy aguarda em casa a chegada de uma mulher que lhe trará uma encomenda ilícita, escrita em um fluxo de consciência intercalado com a utilização da terceira pessoa em estilo indireto livre, me pareceu tão próxima conceitualmente – e muito mais bem sucedida em execução – ao que tentei em uma breve seção em que Ivan está sozinho em seu apartamento durante um dia em que faltara ao serviço, que utilizei um pequeno excerto dela como a nota que encerra a seção.

Quando me pus a reler, e depois reescrever CCC, munido das críticas recebidas, fui também munido de uma experiência única como leitor, e das liberdades e seguranças conceituais que essa experiência me propiciara; mas, também, de um nível superior de cobrança na execução narrativa, que passei a exigir de mim.

A influência de elogios, críticas, reflexões, conversas e das leituras e acontecimentos que se deram desde a finalização da primeira versão⁸⁸, ainda em Porto Alegre,

⁸⁷ Camus (1979, p. 114). A referida passagem, o texto *O Enigma*, que conheci por ser citada por Geske (2014), define muito bem e tem minha concordância expressa sobre o tema “autobiografia”, ou “autoficção”. Outra boa definição do assunto foi feita pelo escritor Daniel Galera no curso sobre David Foster Wallace ministrado no Delfos da PUCRS, quando este afirmou que a imaginação e a biografia do autor se complementam para criar algo que tenha a substância e vida própria e seja capaz de sustentar uma história, como é o caso das obras ficcionais de Wallace, e também do próprio Galera; definição esta que novamente ecoa a mui eficiente imagem dos anéis olímpicos utilizada pelo professor Assis Brasil.

⁸⁸ É bom destacar que a essa altura eu já estava de volta à máquina, mais uma vez servindo, e, para o desprazer de meus colegas de repartição, encarando e espreitando todos eles.

causaram em mim a diferenciação de quem eu mesmo era quando da redação da primeira versão. É possível afirmar, inclusive, que fui sujeito às duas formas da *différance* citadas por Derrida: a primeira, *différance* enquanto distanciamento, uma medida de diferenciação espacial – como, por exemplo, a desigualdade entre “Igor está em Porto Alegre” e “Igor está em Brasília” –; e a segunda, *différance* como uma medida de temporização – como, e.g., “Igor está de volta em Brasília, sentado à sua mesa fazendo o mesmo serviço que fazia antes, mas tudo o que ocorreu com ele o mudou de tal maneira que Igor é até capaz de aguentar o tédio que é seu emprego, pois ele finalmente encontrou algo fora dali que o motiva: a literatura. Portanto, Igor não é mais a mesma pessoa que era antes, apesar de ele continuar a ser o mesmo Igor”.

Por tudo isso, a transição da primeira versão escrita da história para a segunda é a que mais apresenta mudanças – notas de rodapé, grandes cortes e adições de texto –, as seguintes sendo marcadas por mudanças pontuais, não conceituais, e algumas novas notas; de forma que a versão que acompanha este ensaio, apesar de revisada diversas vezes, é muito similar em estrutura à que foi completada com o auxílio indispensável dos primeiros leitores. A mudança do título sendo a única grande modificação efetuada, após insatisfação generalizada com o anterior. O título escolhido é um verso da última estrofe do *Hino do Distrito Federal*, e concatena o ideal por trás da cidade e, de forma inesperadamente irônica, também do romance.

Quanto ao gênero, acredito que CCC seja uma espécie de romance de formação, mas ao contrário. O romance de formação, *Bildungsroman*, é um gênero marcado pela evolução física, moral, social e psicológica de um personagem enquanto este se despede da infância e ingressa na vida adulta. O termo, em alemão, foi cunhado e utilizado por Karl Morgenstern⁸⁹ para definir obras que tinham estrutura e temáticas similares às apresentadas no *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe, sendo um gênero composto por diversos clássicos da literatura alemã e mundial. Um destes livros, *O Tambor*, de Günter Grass, por apresentar uma versão invertida do protótipo de romance de formação, chegou a ser chamado por Hans Mayer de *Missbildungsroman*, romance de formação deformado, ou de anti-romance de formação por Gerhart Mayer. Detlef Krumme, defendendo que a obra faria sim parte da tradição do romance de formação, afirma que: “conceber *O Tambor* como

⁸⁹ Maas (2000).

romance de formação, como paródia ou como anti-romance de formação é algo que depende do modo pelo qual se joga o seu herói”^{90, 91}.

Um exemplo na literatura brasileira de um *Missbildungsroman* poderia ser *O Ateneu*, em que as lições aprendidas pelo protagonista em seu amadurecimento no colégio interno nem sempre são construtivas, e representam as contradições de uma sociedade brasileira muitas vezes cruel. CCC de alguma forma busca o mesmo que o romance de Raul Pompéia, mas o ocaso final de seu protagonista talvez o leve a um ponto mais extremo que *O Ateneu*, ou ainda *O Tambor*, o que faz o rótulo de romance de deformação, de devastação, ou de obliteração o definirem de uma forma mais precisa.

Com esta tentativa de taxonomia literária encarrarei este **ENSAIO SOBRE A ESTRANHA** – pois a mudança de vida que escrever esta história e cursar o mestrado em escrita criativa no Rio Grande do Sul (aonde eu jamais havia colocado o pé) me exigiram foi uma experiência inesperada e única, e o estranhamento com a condição de “estrangeiro” foi uma constante durante todo esse período – **ABSURDA** – foram vários os absurdos que permearam esses quase dois anos, desde as coincidências e acasos citados, até a volta apressada causada por pequenas e impensadas decisões de figuras de poder que causam impactos inimagináveis nas vidas de outrem (a burocracia é O Castelo do absurdo por excelência), passando por encher um carro com tudo que você tem (inclusive dois gatos) e simplesmente ir, em busca de sabe-se lá o quê – **E LONGA (tanto em tempo** – bom, sem os trinta anos de vida que tive até aqui não haveria romance ou ensaio, eles são o motivo pelo qual me interesse pelo que me interesse, gosto do que gosto, e sou quem sou – **quanto em espaço** – 4.247,8 quilômetros, sem contar os percorridos em Porto Alegre –) **JORNADA** – sem querer me achar o herói, mas a viagem que fiz é exatamente o ciclo que Joseph Campbell relacionou com os rituais de passagem, o monomito, e que Christopher Vogler chamou de

⁹⁰ Mazzari (1999, p. 59-62)

⁹¹ Esse ponto da discussão em torno do *Bildungsroman* me fez lembrar o seminal ensaio de Simmel (1904, p. 549) sobre a moda, quando ele afirma que a atitude anti-moda – atitude esta da qual tanto CCC quanto este ensaio não escapam – é, ela também, uma aceitação da moda através da sua negação: “Whoever consciously avoids following the fashion, does not attain the consequent sensation of individualization through any real individual qualification, but rather through mere negation of the social example. If obedience to fashion consists in imitation of such an example, conscious neglect of fashion represents similar imitation, but under a reverse sign.” (Quem quer que seja que conscientemente evita seguir a moda, não alcança a consequente sensação de individualização através de nenhuma qualificação individual real, mas sim através da mera negação do exemplo social. Se a obediência à moda consiste na imitação de um tal exemplo, a negligência consciente à moda representa uma imitação similar, mas sob um sinal invertido.) [Tradução livre].

“jornada do herói”: recebi o chamado à aventura, encontrei o mentor, atravessei limiares, fui testado, ganhei aliados (e talvez inimigos), passei pela provação suprema (finalizar o livro a tempo) e fui recompensado antes de tomar o caminho de volta ao mundo comum, exatamente onde a jornada se iniciou, e onde eu realizei a ressurreição; falta apenas o elixir do retorno com o elixir (que eu espero muito seja um diploma: nada de alegorias aqui, por favor) – **QUE FOI SALVE O POVO QUE ASSIM TE QUIS.**

E valeu todo o sofrimento e esforço; até faria novamente, se preciso fosse.⁹²

⁹² FIM

Alguns documentos do processo de escritura

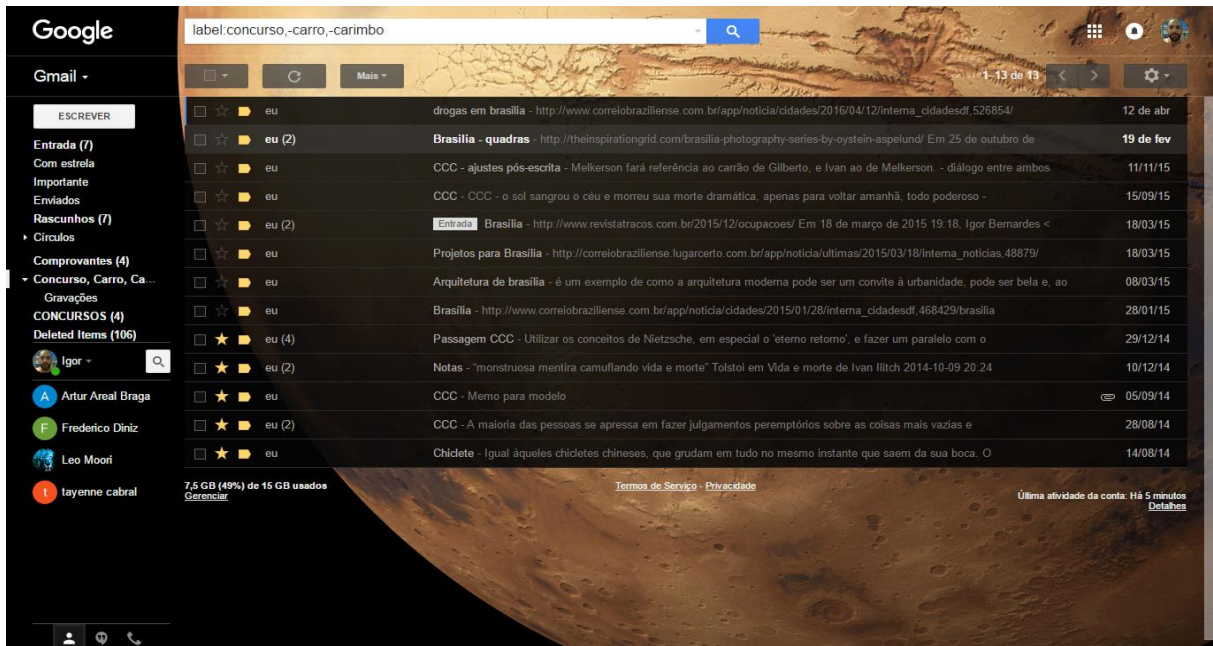


Figura 1: *Print screen* da pasta CCC em minha caixa de e-mail.

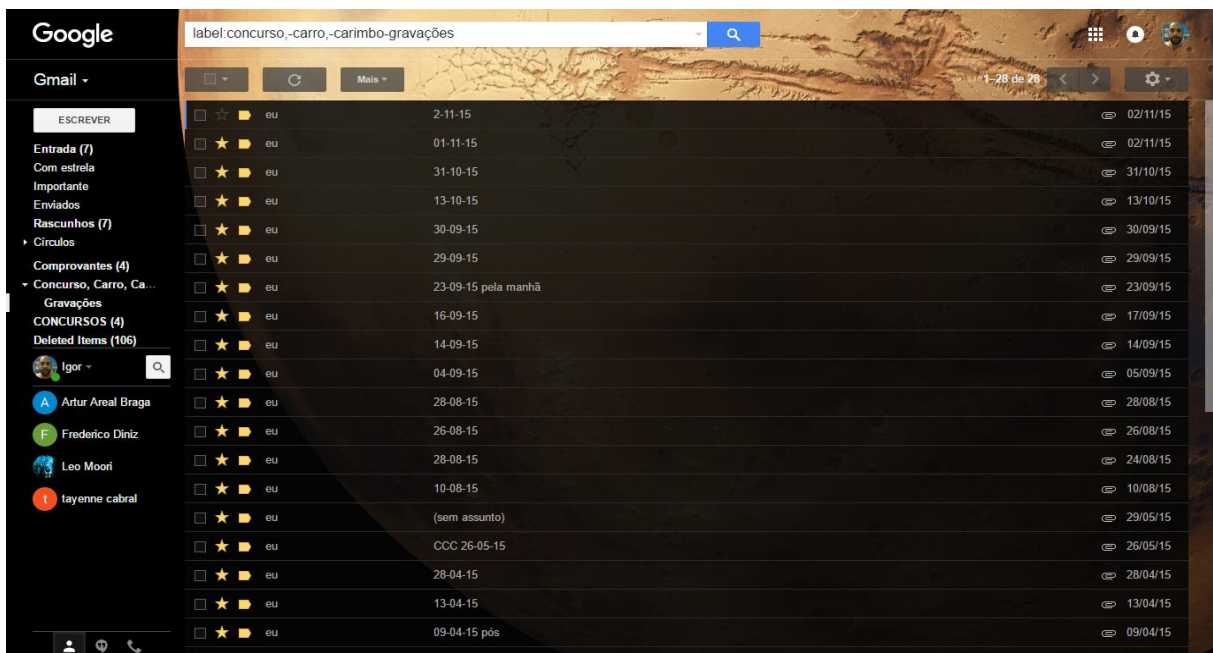


Figura 2: *Print screen* da subpasta com as gravações.

! No diálogo final entre Nau e Melk,
 fazer referência aos campos: de Nau e o
 novo de Melk (usar o diálogo sobre o
 cartão e o "sen" doutor)

Figura 3: Anotação no verso da última página da terceira versão impressa com correções para a próxima.

S	T	Q	Q	S
06:00 CAFÉ	08:00 CAFÉ	08:00 CAFÉ	08:00 CAFÉ	08:00 CAFÉ
09:00 LETURA	09:00 LETURA	09:00 ?	09:00 LETURA	09:00 LETURA
10:00 LETURA	10:00 LETURA	10:00 <u>Defesa-Robert</u>	10:00 LETURA	10:00 LETURA
11:00 ACADEMIA	11:00 ACADEMIA	11:00 ACADEMIA	11:00 LETURA	11:00 ACADEMIA
12:00 ACADEMIA	12:00 ACADEMIA	12:00 ACADEMIA	12:00 LETURA	12:00 ACADEMIA
13:00 ALMOÇO	13:00 ALMOÇO	13:00 ALMOÇO	13:00 ALMOÇO	13:00 ALMOÇO
14:00 LETURA	14:00 LETURA	14:00 LETURA (P/aula)	14:00 <u>TEORIAS</u>	14:00 LETURA
15:00 LETURA	15:00 LETURA	15:00 LETURA (P/aula)	15:00 <u>DEB</u>	15:00 LETURA
16:00 LETURA	16:00 LETURA	16:00 LETURA (P/aula)	16:00 <u>NARRATIVA</u>	16:00 LETURA
17:00 LETURA	17:00 LETURA	17:00 LETURA (P/aula)	17:00 <u>GRUPO (Krank)</u>	17:00 <u>GRUPO (Eman)</u>
18:00 ESCREVER!	18:00 ESCREVER!	18:00 ESCREVER!	18:00 <u>GRUPO (Krank)</u>	18:00 <u>GRUPO (Eman)</u>
19:00 ESCREVER!	19:00 ESCREVER!	19:00 ESCREVER!	19:00 ESCREVER!	19:00 ESCREVER!
20:00 ESCREVER!	20:00 ESCREVER!	20:00 ESCREVER!	20:00 ESCREVER!	20:00 ESCREVER!
21:00 ESCREVER!	21:00 ESCREVER!	21:00 ESCREVER!	21:00 ESCREVER!	21:00 ESCREVER!
22:00				
24/08	25/08	26/08	27/08	28/08
<u>Lea</u> <u>Escrever</u>	<u>Cochovões e Pombos</u> → <u>Cartão Amador</u> → <u>CCC (5 Países)</u> → <u>Conto P</u> → (sem título)	<u>ONDJAKI (ANOS DESANDRE)</u> → <u>MITO DE SÍSIFO</u>	<u>ONDJAKI (ANOS DESANDRE)</u> → <u>MITO DE SÍSIFO</u>	<u>ONDJAKI (ANOS DESANDRE)</u> → <u>MITO DE SÍSIFO</u>

Figura 4: Programação semanal com meta de escrita e leitura (detalhe para *O Mito de Sísifo*).

* OBSESSÃO DO LOUCO PELA JANELA O DIA TODO (FLORIAN)
 - Ivan e a extensão (CONVERSAS C/ PARTY) ✓ - FACILIDADE DAS DEGRAS EM BSB (PARTY C/2)
 - O FLORIAN APÓS A CAUSE DE HENRÍDIO (FANESSE C/2) ✓ - TAMBÉM C/ ROTAS? (SE NO FLORIAN)
 - SE ~~...~~ (UNINDO DE UMA POSTA NO LS) - CRIMES AT MIDNIGHT ✓
 - MPL
 Escrevem ENSAIO DISTÓPICAS - reação c/ POLÍTICA
 2 Versões:
 - Sobrevivemos (infância)
 - Florian 7/ ~~...~~ INSCRIÇÃO EM EVENTO (UNIVERSITEN até 16/09)
 R\$ 50,00
 * BRICOS + O Fluxo de Ivan:
 - Semidões Rituais e Literárias
 - BRASÍLIA
 * Fazem referências aos SEMIDÕES LOUCOS:
 - Um que diz que pendeu o Nante
 - Um que era MÚGICO e pendeu a Maria no SR
 HISTÓRIAS ESTRANHAS
 DE MARIA DUIDOSA

Figura 5: Verso da programação semanal com anotações de idéias para CCC.

Pergunte a um brasileiro o que ele acha, sinceramente, sobre a cidade. Provavelmente você ouvirá afirmações como: “Eu adoro, aqui é tão tranquilo”; “Ótima qualidade de vida”; “Melhor cidade do Brasil”, e sua variação de inspiração carioca “Melhor lugar do mundo” (como alguém fala isso de onde quer que seja?!); “Amo essa cidade!”; ou “O céu mais belo de todos”.

Apesar de ter nascido e crescido aqui, eu nunca consegui concordar com nenhuma outra que não a última. (E olha que tentei, viu!) Passei meus anos me esforçando para ocupar o meu espaço natural na capital – o mesmo que quase todos seus filhos buscam obsessivamente. Ainda que jurasse estar no controle completo das minhas ações e decisões, e tivesse até certo orgulho de sentir-me um *outsider*, certo dia, quando percebi, eu era o brasileiro perfeito: fora educado em uma das melhores escolas da cidade, admitido, aos dezoito anos, na UnB, e recém-formado já alcançara a redenção na sua versão local: aprovado em um concorrido concurso público para um cargo de elite.

“Agora você está garantido”, era o que todos me diziam, ou variações do mesmo tema, como “Não precisa mais se preocupar com nada”, ou “Vai ganhar muito e fazer pouco”, e ainda “Agora só falta comprar um apartamento e casar”. Esta última se desdobrava em várias possibilidades, como, por exemplo, “Dá uma entrada em um apartamento, mesmo financiada, é melhor do que pagar aluguel” e “Precisa de uma namorada, agora!”.

Esta é a história de como percebi que tudo que me disseram (e eu acreditei!), era mentira. E também a história de como uma tragédia pode advir de uma suposta dádiva. (É só perguntar às famílias das pessoas que perderam suas vidas desnecessariamente).

Ela começa quando eu, ainda universitário, comecei a sentir pressões cada vez maiores por dinheiro. Minha única fonte de renda era a que meu pai fornecia para arcar com custos semanais das minhas *xerox* (naquele tempo ainda não havia *torrent*, infelizmente), e o pouquíssimo que sobrava era consumido em *cigarros* e ocasionais cervejas com amigos nas bodegas da 408 norte.

Figura 6: Primeira página do primeiro documento de escritura de CCC, ainda com prosa em 1ª pessoa.

I

Pergunte a um brasileiro o que ele acha da cidade. Provavelmente você ouvirá algo como: “Eu adoro, aqui é tão tranquilo”; “Ótima qualidade de vida”; “Melhor cidade do Brasil”, ou sua versão de inspiração carioca, “Melhor lugar do mundo”; “Amo demais essa cidade!”, ou “O céu mais lindo de todos”.

Apesar de nascer na capital, o herói desta história nunca conseguiu concordar com nenhuma outra que não a última (e olha que ele tentou!), e chegou até a culpar-se por isso. Passou seus anos se esforçando para ocupar o seu espaço natural na capital – o mesmo que toda a prole desse concreto moderno busca obsessivamente.

Ainda que jurasse estar no controle completo das suas ações e decisões, no gozo do seu livre-arbítrio, e tivesse até certo orgulho em sentir-se um *outsider*, certo dia, quando percebeu, era o brasileiro perfeito: educado em uma das melhores escolas da cidade, admitido, aos dezoito anos, na Universidade, e recém-formado já alcançara a versão local da redenção soteriológica quando aprovado em um disputado concurso público para um cargo de elite.

“Agora você está garantido”, era o que ^{OUVIA} todos lhe diziam, ou variações sinfônicas do mesmo tema: “Não precisa mais se preocupar com nada”, ou “Vai ganhar muito e fazer pouco”, e a ainda mais assertiva (fique tranquilo, leitor-concurseiro, não será necessário apontar a correta, ou marcar certo e errado) “Agora só falta comprar um apartamento e casar”. Esta última se desdobrava em várias outras, como, por exemplo, “Dá uma entrada em um apartamento, mesmo financiada, é muito melhor do que pagar aluguel” e “Quando será o casório? Convida pra festa, hem!”

Esta é a história de como nosso herói percebeu que tudo que lhe disseram (e ele acreditou!) era mentira. E também de como a tragédia pode advir de uma suposta dádiva, como as famílias das vítimas do final da história podem assegurar (esta última oração foi colocada aqui apenas para que você, leitor indolente e com tendências dispersivas, continue a ler esta história. Não você, leitor-concurseiro! Tenho certeza de que a ritalina utilizada para estudar mais o exclui do grupo citado anteriormente. Desculpe, mas essa é a verdade. Exige-se de mim que prenda a sua atenção desde a primeira página, que é exatamente o que eu tentei fazer algumas linhas atrás. Então não tenha raiva de mim, e sim dos meus empregadores, são eles que acham que você é “indolente e com tendências dispersivas”. Eu estou apenas fazendo um esforço para tornar este relato publicável).

HÍFENIZAÇÃO

○ - D P
R
A
G
E
I
M
A
Ç
O
E
S!

Figura 7: Primeira página da primeira versão finalizada, com rasuras e correções a serem feitas.

I

Pergunte a um brasileiro o que ele acha da cidade. Provavelmente você ouvirá algo como: “Eu adoro, aqui é tão tranquilo”; “Ótima qualidade de vida”; “Melhor cidade do Brasil” – ou sua versão de inspiração carioca – “Melhor lugar do mundo”; “Amo demais essa cidade!”; “O céu mais lindo de todos”.

Apesar de ~~nascer~~ ^{NASCIDO} na capital, o herói desta história nunca conseguiu concordar com nenhuma outra que não a última (e olha que ele tentou!), e chegou até a culpar-se por isso. Passou seus anos se esforçando para ocupar o seu espaço natural na capital – o mesmo que toda a prole ^{do} ~~desse~~ ^{da cidade} concreto moderno busca obsessivamente.

Ainda que jurasse estar no controle completo das suas ações e decisões, no gozo do seu livre-arbítrio, e tivesse até certo orgulho em sentir-se um *outsider*, certo dia, quando percebeu, era o brasileiro perfeito: educado em uma das melhores escolas da cidade; admitido, aos dezoito anos, na Universidade; e recém-formado alcançara a versão local da redenção soteriológica quando aprovado em um disputado concurso público para um cargo de elite.

“Agora você está garantido”, era o que mais ouvia, ou variações sinfônicas do mesmo tema: “Não precisa mais se preocupar com nada”, “Vai ganhar muito e fazer pouco”, e a ainda mais assertiva (fique tranquilo, leitor-concurseiro, não será necessário apontar a correta, ou marcar certo e errado) “Agora só falta comprar um apartamento e casar”. Esta última se desdobrava em várias outras, como, por exemplo, “Dá uma entrada em um apartamento, mesmo financiada, é muito melhor do que pagar aluguel” e “Quando será o casório? Convida pra festa, hem!”

Esta é a história de como nosso herói percebeu que tudo que lhe disseram (e ele acreditou!) era mentira. E também de como a tragédia pode advir de uma suposta dádiva, como as famílias das vítimas do final da história podem assegurar (esta última oração foi colocada aqui apenas para que você, leitor indolente e com tendências dispersivas, continue a ler esta história. Não você, leitor-concurseiro! Tenho certeza de que a ritalina utilizada para estudar mais o exclui do grupo citado anteriormente. Desculpe, mas essa é a verdade. Exige-se de mim que prenda a sua atenção desde a primeira página, que é exatamente o que eu tentei fazer algumas linhas atrás. Então não tenha raiva de mim, e sim dos meus ^{* CONTRATANTES (2004?)} empregadores, são eles que acham que você é “indolente e com tendências dispersivas”. Eu estou apenas fazendo um esforço para tornar este relato ^{CONF. 19780} publicável).

3

* DONOS DA LITERATURA!

Figura 8: Primeira página da segunda versão impressa, a mesma que foi criticada pelos primeiros leitores.

Posfácio e demais diatribes do narrador

Antes de qualquer coisa eu quero agradecer a você, caro leitor, por ter ~~chegado~~ ^{ALCANÇADO} até o ~~final~~ desta história. Eu respeito e compartilho sua necessidade de chegar ao final de um livro iniciado, não importa quão ruim ele seja.

Dito isto, imagino que agora você esteja imaginando o quão real esta história na verdade é, se o autor realmente a presenciou, e qual a sua participação nela. Pois eu lhes garanto que tudo aqui descrito foi tão real quanto todas as mentiras que nós nos contamos todos os dias, e tomamos como verdades, leis, sacramentos, princípios. Eu sei porque estive lá, e ~~vi~~ ^{vi} acontecer.

Você deve estar se perguntando como não se lembra de um caso peculiar como este, e pensando que estou a inventar tudo; mas não! A razão pela qual não ~~te~~ ^{te} recordas de tão sanguinária história é mesma que ~~o~~ ^{me} impede de lembrar ~~se~~ de tudo mais: após uma ou duas semanas de presença em ~~suas~~ ^{me} discussões diárias o assunto ~~foi~~ ^{foi} substituído pela mais nova desgraça – provavelmente algum infanticídio – trazida pela indústria do jornalismo, que acompanhada de uma avalanche de fatos completamente irrelevantes e seguida da próxima desgraça – a morte trágica de algum famoso, ou uma chacina desencadeada pelo tráfico, ou qualquer coisa que possa ser expremida por horas em programas diários – ~~o~~ ^{que funciona muito bem para sermão todos sempre amedrontados} fizeram esquecer tudo. Mas, e não se esqueça nunca disso, você esqueceu porque quis. Porque quer. Você não é inocente, ninguém é. * ^{que funciona muito bem para sermão todos sempre amedrontados}

Este foi o meu relato, minha confissão e redenção; e ele acaba aqui – até porque o meu úsque também acabou, e tenho que sair para comprar mais uma garrafa antes que minha loira preferida chegue, hoje acompanhada de uma participante de ~~reality show~~ ^{reality show} que está passando uma temporada na capital. Já até preparei uns ~~relaxantes~~ ^{relaxantes} musculares ^{HOJE e amanhã} para nós ~~três~~ ^{três}! Tenho que aproveitar hoje: amanhã parto para o Jalapão, em busca de Sísifo, e disposto a passar por seis portais, matar seis generais e destruir os sete pilares da sabedoria. ~~Para me juntar a ele.~~ ^{PARA ME JUNTAR A ELE.}

Antes de terminar quero pedir a você, leitor que gostou desta história, verdadeiro herói por pagar por ela, que me faça um favor: não se preocupe com ameaças bravateadas; disponibilize este livro na internet, para que outros que se interessem também possam ler. Mas não apenas ele, disponibilize tudo que puder – este ^{o conhecimento é a única forma} parágrafo pode dificultar a publicação deste livro, e é possível que, se esta ocorrer, ele ^{de libertação} seja suprimido. Se for este o caso você saberá que está a ler a versão pirata. Parabéns. ^{que vale, e também que} ^{é deve ser livre:}

FAÇA O QUE QUERER, MAS DE SEJA TUDO DA LEI
ITAÚCO

* NEM MESMO AS VÍTIMAS DESTA HISTÓRIA O ERAM, AO CONTRÁRIO DO QUE SEUS PARENTES EM LÁGRIMAS AFIRMARAM ~~o~~ ^o PARA A TELEVISÃO; EXCESSO FEITO AO JOVEN MATEUS, A QUEM POUCO CONHECI, COMO ~~UMA ÚNICA HISTÓRIA DE~~ ^{UMA ÚNICA HISTÓRIA DE} MAS SEI QUE TOMOU MEU UÍSCUM – E POR ISSO EU NÃO CONSI- SO DEVOA DE INVEIX-LO, E ATÉ OPIN-LO.

Figura 9: Posfácio da primeira versão.

E, para finalizar, uma mensagem para aqueles que estão apenas esperando as palavras acabarem para reclamar deste livro, não porque ele apenas não lhe agradou, e ponto – estes eu respeito –; mas para aqueles que ficaram incomodadinhos pela maneira como eu apresentei seu filósofo preferido – sim, é ele mesmo! –; ou para os ^{INTELLECTUALIZADOS} intelectuais que não conseguem assumir que foram enganados, pois não podem dar o braço a torcer para seus concorrentes) – ^{E ENQUANTO VOCÊS DISCUTEM OS PONTOS COLHEM TUDO E LHEM DAS VOSTRAS CARAS} sim, é disso mesmo que estou falando! –; e também para a elitezinha liberalóide-concurseira da capital, um dos únicos lugares onde uma contradição absurda destas seria possível, que não concorda com nada que não seja elogio, e não aceita críticas ao ridículo que é uma geração tão educada e preparada ser desperdiçada no serviço público pelo simples fato de ser esta também uma geração tão mimada que não quer ter que passar por nenhuma dificuldade na vida; para os maconheiros acéfalos, ^{E SIMBOLIZA DA LIBERTADE} que esperavam encontrar aqui uma defesa idiota d’Ela; para os críticos literários que na verdade ^{NÃO} gostam muito mais de crítica do que de literatura; ^{LEEM PARA ACHAR DEFENSAS E REAGIRÃO NÃO QUANDO É O FALSO ANTI} para as editoras, gravadoras e produtoras, e também seus revendedores-atrassadores, todos estes cadáveres ambulantes que ainda tanto esperneiam, e acham que podem se manter por mais tempo ganhando muito mais do que mereciam através de lóbi com os Estados para crucificar a liberdade – o seu tempo acabou! *; e em especial para todos os bobos-alegres alienados que acham que Brasília é perfeita, que JK era um visionário, Niemeyer e Lúcio Costa ^{ISSO OS CONCEO ENQUANTO PERDEM A MESMA COISA DE SEMPRE.} são gênios e eu não sei do que estou falando (esta última afirmação bastante possível); para todos vocês eu gostaria de dizer o que o arquiteto ou o mestre diriam – aliás, como suas truculências se assemelham, não é mesmo?; escolha seu lado ou jogue a moeda: cara ou coroa? –, mas não direi.

Para ~~todos~~ vocês, e mais alguns que não consigo me lembrar, provavelmente por ter fumado esta parte, eu deixarei de despedida a citação do grande poeta americano contemporâneo: ~~(sim, eu não entendo nada de poesia, e estou pouco me lixando para o que você acha sobre isso):~~

*Will Smith don't gotta cuss in his raps to sell records;
Well I do, so fuck him and fuck you too!*

(carimbo e assinatura)

Ivan Martins

* E VOCÊS SABEM DISSO

PARANÓIA

Figura 10: Posfácio da primeira versão.

DESNECESSÁRIAS (?)

Posfácio e demais diatribes do narrador

Antes de qualquer coisa eu quero agradecer a você, caro leitor, por ter alcançado o fim desta história. Eu respeito e compartilho sua necessidade de chegar ao final de um livro iniciado, ~~não importa quão ruim ele seja.~~

Dito isto, imagino que agora você esteja imaginando o quão real esta história na verdade é, se o autor realmente a presenciou, e qual a sua participação nela. Pois eu lhes garanto que tudo aqui descrito foi tão real quanto todas as mentiras que nós nos contamos todos os dias, e as transformamos em verdades, leis, sacramentos, princípios, dogmas, ideologias. Eu sei porque estive lá, e vi acontecer.

Você deve estar se perguntando como não se lembra de um caso peculiar como este, e pensando que estou a inventar tudo; mas não! A razão pela qual não se recorda de tão sanguinária história é a mesma que o impede de lembrar-se de tudo mais: após uma ou duas semanas de presença em suas discussões diárias o assunto foi substituído pela mais nova desgraça – provavelmente algum infanticídio – trazida pela indústria do jornalismo, que acompanhada de uma avalanche de fatos completamente irrelevantes e seguida da próxima desgraça – a morte trágica de algum famoso, uma chacina desencadeada pelo tráfico, o duplo homicídio de um ex-ministro da Justiça e sua esposa, ou qualquer coisa que possa ser espremida por horas em programas diários que funcionam maravilhosamente bem para deixar todos sempre amedrontados – fizeram-no esquecer tudo.

Mas, e não se esqueça nunca disso; você esqueceu porque quis. Porque quer. Você não é inocente, ninguém é. Nem mesmo as vítimas desta história o eram, ao contrário do que seus parentes em lágrimas contaram na televisão; exceção feita ao jovem Mateus, a quem pouco conheci, mas sei que era esforçado e prestativo, e que pagou o preço disso, e tomou meu lugar – por isso eu não consigo deixar de invejá-lo, e até mesmo odiá-lo.

Este foi o meu relato, minha confissão e redenção; e ele acaba aqui – até porque o meu uísque também acabou, e tenho que sair para comprar mais uma garrafa antes que minha loira preferida chegue, hoje acompanhada de uma participante de *reality show* que está passando uma temporada na capital. Já até preparei uns relaxantes musculares e outras pílulas para nós! Tenho que aproveitar hoje: amanhã parto para o

Figura 11: Posfácio da segunda versão (detalhe para “desnecessárias”).

Jalapão, em busca de Sísifo, disposto a passar por seis portais, matar seis generais e destruir os sete pilares da sabedoria para me juntar a ele.

Antes de terminar quero pedir a você, leitor que gostou desta história, o verdadeiro herói por pagar por ela, que me faça um favor: não se preocupe com ameaças bravateadas; disponibilize este livro na internet, para que outros que se interessem também possam ler. Mas não apenas ~~ele~~ ^{esse}, disponibilize tudo que puder: o conhecimento é a única fonte de libertação, e também deve ser livre: *Faça o que quiser, há de ser tudo da Lei* – este parágrafo pode dificultar a publicação deste livro, e é possível que, se esta ocorrer, ele seja suprimido. Se for este o caso você saberá que me vendi ou fui vendido, e também que está a ler a versão pirata. Parabéns.

E, para finalizar, uma mensagem para aqueles que estão apenas esperando as palavras acabarem para reclamar deste livro, não porque ele apenas não lhe agradou, e ponto – estes eu respeito –; mas para aqueles que ficaram incomodadinhos pela maneira como eu representei seu *filósofo* preferido – ~~sim, é ele mesmo!~~ –; ou para os intelectualizados que não conseguem assumir que foram enganados, pois não podem dar o braço a torcer a seus concorrentes, e enquanto vocês discutem os ratos comem tudo e riem das vossas caras – ~~sim, é disso mesmo que estou falando!~~ –; também para a elitezinha liberalóide-concurseira da capital, um dos únicos lugares onde uma contradição absurda destas seria possível, que não concorda com nada que não seja elogio, e não aceita críticas ao ridículo que é uma geração tão educada e preparada ser desperdiçada no serviço público pelo simples fato de ser esta também uma geração tão mimada que não quer ter que passar por nenhuma dificuldade na vida; para os demais leitores-concurseiros, que acham que concurso público é meritocracia e não gostaram de como tratei seus sonhos ridículos; para os maconheiros acéfalos e *sábios* da Chapada, ~~que esperavam encontrar~~ ~~uma~~ ~~defesa~~ ~~idiota~~ ~~de~~; para os críticos literários que na verdade não gostam de literatura: leem para achar defeitos, não qualidades, e o fazem por causa da empáfia que isto os reveste enquanto repetem as mesmas coisas de sempre – e nós todos sabemos que a literatura, como tudo neste Brasil, é um arranjo de comadres –; para as editoras, gravadoras e produtoras, e também seus revendedores-atravesadores, todos estes morimbundos ambulantes que ainda tanto esperneiam, e acham que podem se manter por mais tempo ganhando muito mais do que merecem através de lóbi com os Estados para crucificar a liberdade – o seu tempo está acabando!, e vocês sabem bem disso –; e em especial para todos os bobos-alegres alienados que acham que Brasília é perfeita, o modernismo é fantástico, JK era um

* E ACHA QUE O ESTADO É OBLIGADO A CONTINUAR OS MIMANDO ¹⁴⁹ COMO SEUS PAIS FIZERAM;

Figura 12: Posfácio da segunda versão.

visionário, Le Corbusier, Niemeyer e Lúcio Costa, *gênios*, e eu não sei do que estou falando, (esta última afirmação bastante possível); para todos vocês eu gostaria de dizer o que o arquiteto ou o mestre diriam – aliás, como suas truculências se assemelham, não é mesmo?; escolha seu lado ou jogue a moeda: cara ou coroa? –, mas não direi.

Para vocês, e mais alguns que não consigo me lembrar, provavelmente por ter fumado esta parte, eu deixarei de despedida a citação do grande poeta americano contemporâneo:

*Will Smith don't gotta cuss in his raps to sell records
Well I do, so fuck him and fuck you too*

[carimbo e assinatura]

Ivan Martins

SSS

*Finished with my woman 'cause she couldn't help me with my mind-
people think I'm insane because I am frowning all the time
All day long I think of things but nothing seems to satisfy
Think I'll lose my mind if I don't find something to pacify*

*Can you help me occupy my brain?
Oh yeah*

*I need someone to show me the things in life that I can't find
I can't see the things that make true happiness, I must be blind*

*Make a joke and I will sigh and you will laugh and I will cry
Happiness I cannot feel and love to me is so unreal*

*And so as you hear these words telling you now of my state
I tell you to enjoy life I wish I could but it's too late*

Posfácio e demais diatribes desnecessárias do narrador

Antes de qualquer coisa eu quero agradecer a você, caro leitor, por ter alcançado o fim desta história. Eu respeito e compartilho sua necessidade de chegar ao final de um livro iniciado.

Dito isto, imagino que agora você esteja imaginando o quão real esta história na verdade é, se o autor realmente a presenciou, e qual a sua participação nela. Pois eu lhe garanto que tudo aqui descrito foi tão real quanto todas as mentiras que nós nos contamos todos os dias, e assim as transformamos em verdades, leis, sacramentos, princípios, dogmas, ideologias. Eu sei porque estive lá, e vi acontecer.

Você deve estar se perguntando como não se lembra de um caso peculiar como este, e pensando que estou a inventar tudo; mas não! A razão pela qual não se recorda de tão sanguinária história é a mesma que o impede de lembrar-se de tudo mais: após uma ou duas semanas de presença nas notícias e em suas discussões diárias o assunto foi substituído pela mais nova desgraça – provavelmente algum infanticídio – trazida pela indústria do jornalismo, que acompanhada de uma avalanche de fatos completamente irrelevantes e seguida da próxima desgraça – a morte trágica de algum famoso, uma chacina desencadeada pelo tráfico, o duplo homicídio de um ex-ministro da Justiça e sua esposa, ou qualquer coisa que possa ser espremida por horas em programas diários que funcionam maravilhosamente bem para deixar todos sempre amedrontados – fizeram-no esquecer tudo.

Porém, e não se esqueça nunca disso: você esqueceu porque quis. Porque quer. Você não é inocente, ninguém é. Nem mesmo as vítimas desta história o eram, ao contrário do que seus parentes em lágrimas contaram na televisão; exceção feita ao jovem Mateus, a quem pouco conheci, mas sei que era esforçado e prestativo, e que pagou o preço disso tomando meu lugar – por isso eu não consigo deixar de invejá-lo, e até mesmo odiá-lo.

Este foi o meu relato, minha confissão e redenção; e ele acaba aqui – até porque o meu uísque também acabou, e tenho que sair para comprar mais uma garrafa antes que minha loira preferida chegue, hoje acompanhada de uma participante de *reality show* que está passando uma temporada na capital. Já até preparei uns relaxantes musculares e outras pílulas para nós! Tenho que aproveitar hoje: amanhã parto para o Jalapão, em busca de Sísifo, disposto a passar por seis portais, matar seis generais e destruir os sete pilares da sabedoria para me juntar a ele.

Antes de terminar quero pedir a você, leitor que gostou desta história, o verdadeiro herói por pagar por ela, que me faça um favor: não se preocupe com ameaças bravateadas; disponibilize este livro na internet, para que outros que se interessem também possam ler. Mas não apenas este, disponibilize tudo que puder: o conhecimento é a única fonte de libertação, e também deve ser livre: *Faça o que quiser, há de ser tudo da Lei* – este parágrafo pode dificultar a publicação do livro, e é possível que, se esta ocorrer, ele seja suprimido. Se for este o caso você saberá que me vendi ou fui vendido, e também que está a ler a versão pirata. Parabéns.

Figura 14: Posfácio da quarta versão.

E, para finalizar, uma mensagem para aqueles que estão apenas esperando as palavras acabarem para reclamar deste livro, não porque ele apenas não lhe agradou, e ponto – estes eu respeito –; mas para aqueles que ficaram incomodadinhos pela maneira como eu representei seu *filósofo* preferido; ou para os intelectualizados que não conseguem assumir que foram enganados, pois não podem dar o braço a torcer a seus concorrentes – e enquanto vocês discutem os ratos comem tudo e riem das vossas caras –; também para a elitezinha liberalóide-concurseira da capital – único lugar onde uma contradição absurda destas seria possível –, que não concorda com nada que não seja elogio, e não aceita críticas ao ridículo que é uma geração tão educada e preparada ~~se~~ desperdiçada no serviço público pelo simples fato de ser esta também uma geração tão mimada que não quer ter que passar por nenhuma dificuldade na vida, e acha que o Estado tem a obrigação de fazê-los ricos na vida adulta como seus pais fizeram em suas infâncias; para os demais leitores-concurseiros, que acham que concurso público é meritocracia e não gostaram de como tratei seus sonhos ridículos; para os maconheiros acéfalos, *alternativos* e *sábios* da Chapada, com suas parvas defesas das drogas; e também aos conservadores, ~~com~~ seus ataques moralistas, hipócritas e patéticos; para os críticos literários que na verdade não gostam de literatura: leem para achar defeitos, não qualidades, e o fazem por causa da empáfia que isto os reveste enquanto repetem as coisas de sempre – e nós todos sabemos que a literatura, como tudo neste Brasil, é um arranjo de comadres –; para as editoras, gravadoras e produtoras, e também seus revendedores-atravesadores, todos ~~estes~~ moribundos ambulantes que ainda tanto esperneiam, e acham que podem se manter por mais tempo ganhando muito mais do que merecem através de lóbi com os Estados para crucificar a liberdade – o seu tempo está acabando, e vocês sabem bem disso –; e em especial para todos os bobos-alegres alienados que acham que Brasília é perfeita, o modernismo é fantástico, JK era um visionário, Le Corbusier, Niemeyer e Lúcio Costa, *gênios*, e eu não sei do que estou falando – algo bastante possível. Para todos vocês eu gostaria de dizer o que o Arquiteto ou o Mestre diriam – aliás, como suas truculências se assemelham, não é mesmo? Escolha seu lado ou jogue a moeda: cara ou coroa? –, mas não direi.

Para vocês, e mais alguns que não consigo me lembrar, provavelmente por ter fumado esta parte, eu deixarei de despedida a citação ~~do~~ grande poeta americano contemporâneo:

*Will Smith don't gotta cuss in his raps to sell records
Well I do, so fuck him and fuck you too*

[carimbo e assinatura]
Ivan Martins

*Finished with my woman 'cause she couldn't help me with my mind
people think I'm insane because I am frowning all the time
All day long I think of things but nothing seems to satisfy
Think I'll lose my mind if I don't find something to pacify*

Figura 15: Posfácio da quarta versão.

No meio do caminho, entre alguns conjuntos de baias,
ficava ~~uma~~ uma grande ^{mesa de madeira} ~~mesa~~, ~~lábua~~ e ~~compada~~, sobre a qual havia
filas de processos quase inconstantes, e

este formado por um grande vão alongado e estreito, onde conjuntos de quatro baias em formato cartesiano se sucediam, ladeando a passagem centralizada na sala. Ao final do caminho havia duas salas: a maior era sua; a outra era ocupada por Marcos, e representava o prestígio que este possuía com a chefia.

- Olha lá quem vem... – foi ele quem disse, em tom amigável e bonachão, chamando atenção do grupo de pessoas reunidas e conversando animadamente próximos a sua sala, para a chegada de Ivan – Silêncio que o chefe chegou!

- Bom dia a todos. – falou Ivan, também animado. – Não estou atrapalhando não, né? Se estiver, posso ir embora. Lá em casa estava bem agradável...

- Claro que não, chefe! A gente tava só contando umas besteiras aqui, coisas do final de semana.

- Eu vi ~~todo mundo~~ ^{vocês} rindo, mesmo.

- É a história da Marlene, Ivan. Contaí, Marlene!

- Eu tava contando pra eles de um casal que eu pego ônibus junto todo dia, que é um menino jovem, jovem!, e uma velha assim toda acabada... – falou Marlene, – Todo mundo no ônibus fica se perguntando todo dia o que que aquele menino, novo daquele jeito, tá fazendo com uma véia daquelas. Aí hoje ela não veio, e na hora que o ônibus passou do Chifrudo; o senhor sabe onde é o Chifrudo? Perto do Valparaíso ali...

- Eu sei sim, Marlene. E não precisa me chamar de senhor.

- Então; quando o ônibus passou do Chifrudo, uma moça, que todo dia fica quietinha, quietinha, sempre lendo alguma coisa, um livro ou um ^o jornal, começou a falar pra ele não perder o tempo dele com uma velha, que ele conseguia coisa melhor... – todos já riam ouvindo a narração – Até o cobrador, e o motorista!, você acredita?, deram opinião e lição pro coitado. – Marlene gargalhou, com seu jeito que alternava o atirado e o envergonhado, logo se esforçando para se conter após um excesso de empolgação.

- E você? ^{Marlene} – Ivan perguntou, sorrindo.

- Eu não falei nada! E vou lá ficar me metendo na vida dos outros? Eu também acho que ele conseguia coisa melhor, mas se quer ficar com ela, quem é que pode falar alguma coisa? Ôxi, problema é dele, né não?

Figura 16: Rasuras na primeira versão indicando a introdução da imagem da mesa central, um dos principais leitmotive de CCC.

- Quis não? – perguntou Melkerson – Pois eu comprava na hora! Andava com o ferrão na cintura e queria ver quem mexia comigo.

- Melkerson, você sabe qual é o problema de andar armado? Por causa dessa besteira de respeito aí uma hora você acaba usando ela, mesmo sem querer... Sempre acaba usando. E depois, já era. Está feito. Só dá pra se arrêpender.

* - Mesmo assim vou me lembrar de não brincar com você nunca mais. – Ivan falou.

- Tem nada disso não, rapaz. Esses dias acabaram pra mim. Ainda bem. Agora eu tô aqui, e muito feliz, por sinal. Venho aqui, faço meu serviço, vou pra faculdade; depois fico com minha família, brinco com minha filhinha de noite, converso com minha esposa, que é o que importa de verdade. Isso aí é passado. Mas se lembre disso que te falei! E saiba que isso aqui não é muito diferente da polícia não, viu? O capitão Nascimento fala que existem três escolhas: ou se corrompe, ou se omite, ou vai pra guerra. O mesmo vale praqui, moço; serviço público é tudo igual, viu, Ivan?

- Vou me lembrar – disse, tentando entender o que exatamente o nordestino de aspecto sábio queria lhe dizer com aquilo –, com certeza.

Os três se entreolharam, e, sem trocar mais palavra, cada um sentou à sua mesa e retornou aos seus afazeres; Ivan com as palavras de Sérgio ainda ecoando na cabeça.

SSS

- Eu não entendo mesmo é como vocês conseguem viver num lugar que não tem praia por perto – falou Verônica, sorrindo e bebendo um gole de cerveja. – Mil e duzentos quilômetros é demais! “Não tem mar vai pro bar” não serve como lema de vida pra mim.

- Mas tem o Lago! – falou Geraldo – Tem um monte de atividades pra fazer nele.

- É verdade. – disse Ivan – Não é o mar, mas dá pra se divertir.

- O ruim é que é um pouco exclusivo – disse Heródio.

- Tudo aqui é assim um pouco, né? – perguntou Verônica

- É, nós imitamos o Rio neste aspecto – falou Ivan, sorrindo para ela.

* - E TU JÁ MATOU ALGUÉM, SÉRGIO? - PERGUNTOU MELKERSON
- CAGAS AO PAI NÃO. MAS JÁ TIVE QUE ATIRAR V/ ME DEFENDER

39

Figura 17: Rasura de acréscimo no diálogo entre Ivan, Melkerson e Sérgio na terceira versão.

§§§

Certa tarde, enquanto Ivan assinava e carimbava centenas de processos que o esperavam na mesa central, ele percebeu que adquirira através da repetição à exaustão ^{dos mesmos movimentos} a capacidade de desligar seu cérebro enquanto o corpo continuava, e assim algumas vezes se perdia em pensamentos: analisava sua vida, fazia listas de compras, resolvia contas inventadas utilizando os números dos processos, esmiuçava momentos recentes, e até se lembrava de fatos esquecidos de sua infância e adolescência, ou de obrigações importantes a serem cumpridas. Algumas vezes ficava apenas imaginando coisas absurdas.

T.M.: Nota do narrador-burocrata: Quais sejam, em sequência: Segurar o processo pela lombada com a mão esquerda, abri-lo com a mão direita ~~abrir~~ pela última página e fechar-lo em busca de um caso fosse preciso, apoiar o antebraço esquerdo sobre os autos abertos para dar estabilidade, assinar com a mão direita que ~~carimbando~~ segurando a caneta colocada ao lado direito a...

Foi a primeira vez que pensou no quanto suas assinaturas, fabricadas com um arrojo taylorista, influenciavam absurdamente as vidas de pessoas espalhadas pelo país. Cada um daqueles processos representava uma pessoa, no mínimo. Quantas delas não seriam como aquela mulher, pobres e ignorantes do fato que cometiam um “ato ilegal”?

ITÁLICO!

Para se confortar lembrou alguma pregação feita por Rui Barbosa sobre o assunto, e repetida por qualquer rábula; mas sabia que aquilo não era justo. Para aquela pessoa o Estado nunca existira: ele nunca a encontrara para nada, nunca a oferecera nada, e agora vinha lhe cobrar mais do que tudo que tinha.

Realizou que não usava capuz nem machado, mas era o verdugo do seu tempo. Não precisava de capuz, pois morava em uma cidade onde só havia verdugos como ele, e eles se confundiam na multidão. Sua assinatura e seu carimbo, a “fé pública” consagrada a eles, eram suas armas; seus machados manchavam apenas com tinta, não mais com sangue. Não havia a culpa de tirar uma vida, de vê-la expirar pela ação das mãos; somente o conformismo de estar apenas cumprindo suas “obrigações legais” extraídas de algum *caput*.

Ivan era apenas mais um burocrata cinzento, (como a fachada excessivamente envelhecida e degradada de um prédio público que não tem nem sessenta anos, ou como o céu da capital no ápice da seca, em setembro, quando a fumaça de todas as queimadas no cerrado se acumula em torno da cidade deixando bastante claro o que é o progresso do interior brasileiro que foi

CANETA DO LOCAL COBERTO, FECHAR O PROCESSO USANDO AS DUAS MÃOS, SEGURÁ-LO OUTRA VEZ PELA LOMBADA COM A MÃO ESQUERDA E COLOCÁ-LO NA PILHA AO LADO ~~DE~~ ENQUANTO A MÃO DIREITA JÁ PEGA OUTRO PROCESSO E O POSICIONA A SUA FRENTE PARA QUE A MÃO ESQUERDA REINICIE TUDO.

Figura 19: Rasura de acréscimo ao longo de duas páginas indicando a criação de uma nota de rodapé na quinta versão.

§§§

Foi na tarde daquele mesmo dia que Heródio estacionou seu carro e adentrou o prédio. Vestia um terno cinza, e sua ^{COM CAMISA BRANCA SEM GRAFIA}suava muito quando passou pelas catracas na entrada sem cumprimentar ninguém. Tomou o elevador e foi direto para seu antigo local de trabalho. Parou em frente à porta e a abriu devagar com a mão esquerda. O paletó estava desabotoado.

Havia duas mesas na entrada da repartição agora: uma pertencia a Tatiane, a secretária do doutor Acácio, cuja função, e o pouco espaço na frente da porta de entrada, era agora dividida com Neide. Quando ele entrou as duas estavam sentadas em suas mesas, Neide cercada por Eliza, Roberta e Andréia. Calaram ao ver Heródio, que demorou a dar o passo para entrar na sala. Por fim entrou, e fechou a porta atrás de si.

Ele as olhou novamente, sorrindo de um jeito estranho, e Eliza lhe perguntou se estava perdido. As três em volta riram. “Não”, ele respondeu, e seu rosto contorceu-se todo quando com a mão direita puxou a arma – uma pistola .380 ACP IMBEL® – de dentro do seu paletó, da altura da cintura. O primeiro tiro foi em Eliza, e perfurou seu tórax, depois no abdômen de Roberta, e também de Andreia. A última já se virava para correr, e o disparo a perfurou lateralmente.

Neide gritava, desesperada, quando ele se aproximou dela, avisou que ia matá-la, quase encostou a pistola e atirou em seu rosto. Depois repetiu o mesmo com as outras três, que estavam caídas. Tatiane se escondeu embaixo de sua baía, e Heródio não a molestou.

Caminhou até a porta próxima e a abriu: dentro da sala estava Acácio, segurando o telefone enquanto tentava discar. Heródio o ordenou que largasse o aparelho, caminhou até ele e o matou com oito tiros, espalhados pelo corpo, aos berros de “esquerdopata”, “corrupto filhodaputa” e “sanguessuga”.

Depois andou rápido pelo corredor que levava ao Z, e no trajeto trocou o carregador da pistola. Quando adentrou o setor todos já se escondiam atrás de suas mesas, e muitas pessoas gritavam, várias com os telefones em punho. Parou ao lado da mesa central onde centenas de processos aguardavam por uma assinatura, e perscrutou os arredores.

® Indústria de Material Bélico do Brasil, vinculada ao Ministério da Defesa, por intermédio do Comando do Exército, criada pela Lei nº 6.227 de 14 de julho de 1975; mais uma Empresa Pública obviamente voltada para a prestação de serviços públicos indispensáveis para o bem estar da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

Teóricas

ALMEIDA JÚNIOR, Dilton Lopes de. **Três Vezes Brasília: A Ficção da Cidade Moderna em Três Fragmentos de Tempos**. In: Anais do 11º Seminário Nacional do Docomomo Brasil. Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. [Disponível em: <http://bit.ly/1RbX3mM>, acesso em 19/05/2016];

ASSIS BRASIL, Luis Antonio de. **Entrevista à Revista Hobicua**. Teresina, Piauí, n.01, p.35-80, 2014. Entrevista concedida a Douglas Machado;

BAER, Werner. **A Economia Brasileira**. São Paulo: Nobel, 2002;

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;

BECK, Roger. *The Religion of the Mithras Cult in the Roman Empire: Mysteries of the Unconquered Sun*. Oxford: Oxford University Press, 2006;

BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1963);

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura: Introdução à Topoanálise**. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. [Disponível em: <http://bit.ly/2doW8pj>, acesso em 03/10/2016];

BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília: Sete Projetos para uma Capital**. São Paulo: Cosac Naify, 2010;

CAMPBELL, Joseph. *The Hero With a Thousand Faces*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press: 2004 (1949);

CAMUS, Albert. **O Enigma**. In.: Núpcias, O Verão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979 (1954);

_____. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004 (1942);

CÂNDIDO, Antônio (org.); ROSENFELD, Anatol et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968;

DE BIASI, Pierre-Marc. **Genética dos Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010;

DERRIDA, Jacques. **Essa Estranha Instituição Chamada Literatura: Uma Entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014;

_____. **Margens da filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991;

DODDS, Eric R. *Pagan and Christian in an Age of Anxiety*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 (1965);

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. Porto Alegre: Globo Livros, 1974 (1927);

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (1980);

FRIEDMAN, Milton. **There's no Such Thing as a Free Lunch**. Chicago: Open Court Publishing, 1975;

FRIEDMAN, Norman. **O Ponto de Vista na Ficção: o Desenvolvimento de um Conceito Crítico**. São Paulo: Revista USP nº 53, 2002 (1967). [Disponível em: <http://bit.ly/2dQQVVA>, acesso em 07/10/2016];

GESKE, Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva. **As Singularidades do Romance Autobiográfico no Manuscrito de O Primeiro Homem de Albert Camus**. São Paulo: Manuscrita nº 27, 2014, p. 26-40 [Disponível em <http://bit.ly/1Ut3uIH>, acesso em 02/05/2016];

JAMES, Henry. **A Arte da Ficção**. Osasco: Novo Século, 2011 (1884);

JONAS, Hans. *The Gnostic Religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity*. Boston: Beacon Press Books, 2005 (1958);

KATINSKI, Julio; XAVIER, Alberto (orgs.) et al. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012;

LISPECTOR, Clarice. **Brasília: Cinco Dias**. In.: A Legião Estrangeira. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. [Disponível em: <http://bit.ly/1riZJKE>, acesso em 28/04/2016];

MAAS, Wilma Patrícia. **O Cânone Mínimo: o Bildungsroman na História da Literatura**. São Paulo: UNESP, 2000;

- MACIEL, Luiz Carlos. **O Poder do Clímax: Fundamentos do Roteiro de Cinema e TV**. Rio de Janeiro: Record, 2003;
- MAMET, David. **Três Usos da Faca: Sobre a Natureza e Finalidade do Drama**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001;
- MARX, Karl. **O Capital: Livro I**. São Paulo: Círculo do Livro, 1996 (1867). [Disponível em: <http://bit.ly/2d8ellq>, acesso em 07/10/2016];
- MAZZARI, Marcus Vinícius. **O Romance de Formação em Perspectiva Histórica: O Tambor de Lata de Günter Grass**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999;
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003 (2000);
- MOSER, Benjamin. **Cemitério da Esperança**. Recife: Cesárea; 2014;
- PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: Construção do Personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1989;
- PAVIANI, Aldo (org.) et al. **Brasília, Ideologia e Realidade: Espaço Urbano em Questão**. Brasília: Editora UnB, 2010 (1986);
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever Sobre Escrever: Uma Introdução Crítica à Crítica Genética**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007;
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística**. São Paulo: Intermeios, 2011 (1998);
- SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Textos da cidade**. In.: 1000 Rastros Rápidos: Cultura e Milênio (org. Maurício Vasconcelos e Haydeé Coelho). Belo Horizonte: Autêntica, 1999;
- SIMMEL, Georg. **Fashion**. In.: The American Journal of Sociology, vol. 62, nº 6, Maio 1957, p. 541-558. Chicago: The University of Chicago Press (1904);
- _____. **A Metrópole e a Vida Mental**. In.: O Fenômeno Urbano (org. Otávio Guilherme Velho). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973;

TAVARES, Jeferson. **Projetos para Brasília e a Cultura Urbanística Nacional**. Dissertação de mestrado defendida na EESC-USP em 2004. [Disponível em: <http://bit.ly/1SRfGk9>, acesso em 30/04/2016];

_____. **Os Projetos para Brasília e a Construção da Identidade Nacional**. [Artigo disponível em <http://bit.ly/1Nbf1Lh>, acesso em 30/04/2016];

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (2007);

VEBLEN, Thorstein Bunde. **A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (1899);

VILLELA, André. **Dos “Anos Dourados” de JK à Crise Não Resolvida**. In: Economia Brasileira Contemporânea: 1945-2011 (org. Fábio Giambiagi). Rio de Janeiro: Elsevier, 2011;

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estruturas Míticas para Escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 (1998) [Disponível em <http://bit.ly/2dRjJxm>, acesso em 07/10/2016];

WALLACE, David Foster. *E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction*. Review of Contemporary Fiction, 13:2 (1993: Summer) p. 151;

WILLEMART, Phillipe. **Os Processos de Criação na Escrita, na Arte e na Psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009;

WOOD, James. **Como Funciona a Ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012 (2008).

Palestras

ASSIS BRASIL, Luis Antonio de. **A Escrita Criativa e a Universidade**. Palestra proferida na Aula Inaugural da pós-graduação em Letras da Universidade de Brasília, em 22 de março de 2016;

CARVALHO, Bernardo. **Desconfie de Mim**. Palestra proferida no Delfos, PUCRS, em 12, 13 e 14 de maio de 2015. [Disponível em: <http://bit.ly/1XWpjzr>, acesso em 25/04/2016];

GALERA, Daniel. **Crânios Explosivos**. Palestra proferida no Delfos, PUCRS, em 27 de setembro de 2016;

MAIA, Ana Paula. **A Construção da Narrativa Dinâmica**. Palestra proferida no Delfos, PUCRS, em 31 de outubro e 1º de setembro de 2015;

RODRIGUES, Sérgio. **Ficção: Memória, Mentiras e Videotape**. Palestra proferida no Delfos, PUCRS, em 26 e 27 de maio de 2015;

Lista de obras (que de alguma forma contribuíram na escrita de CCC ou do Ensaio):

Livros: *Bíblia Sagrada*; George Orwell, 1984, *A Revolução dos Bichos*; Fiodor Dostoievski, *Os Demônios*, *Os Irmãos Karamazov*, *Crime e Castigo*, *Memórias do Subsolo*; Liev Tolstói, *A Morte de Ivan Ilitch*; Franz Kafka, *A Metamorfose*, *Diante da Lei*, *O Processo*; Friedrich Nietzsche, *Assim Falou Zaratrusta*, *A Gaia Ciência*; Gabriel Garcia Marquez, *Cem Anos de Solidão*; Albert Camus, *A Queda*, *O Estrangeiro*, *O Mito de Sísifo*; Ievgeni Zamiatin, *Nós*; Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*; Anthony Burgess, *Laranja Mecânica*; Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*; Jean-Paul Sartre, *As Palavras*; Bernardo Carvalho, *Teatro*, *Nove Noites*; Mikhail Bulgakov, *O Mestre e Margarida*; Gustave Flaubert, *Madame Bovary*; Sérgio Rodrigues, *O Drible*; Joca Reiners Terron, *A Tristeza Extraordinária do Leopardo-das-neves*; Ana Paula Maia, *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos*, *Carvão Animal*; Julia Dantas, *Ruína y Leveza*; Reginaldo Pujol Filho, *Só Faltou o Título*; Murilo Rubião, *Obra Completa*; Stanislaw Lem, *Solaris*; Knut Hansum, *Fome*; Thomas de Quincey, *Confissões de um Comedor de Ópio*; Ivan Turgueniev, *Pais e Filhos*; Nikolai Gogol, *O Nariz*, *O Capote*, *A Briga dos Dois Ivans*; Chuck Palahniuk, *Guts*, *Choke*, *Diary*, *Clube da Luta*; Philip K. Dick, *O Homem Duplo*; Heinrich von Kleist, *Michael Kohlhaas*; Eça de Queirós, *O Primo Basílio*; Bret Easton Ellis, *American Psycho*; John Steinbeck, *As Vinhas da Ira*; Ernest Hemingway, *Paris é uma Festa*, *O Sol Também Se Levanta*; Aleister Crowley, *O Livro da Lei*; J. R. R. Tolkien, *O Silmarillion*, *O Senhor dos Anéis*; Isaac Asimov, *The Last Question*; Robert A. Heinlein, *The Moon is a Harsh Mistress*; David Foster Wallace, *Graça Infinita*; Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*; Günter Grass, *O Tambor*; Raul Pompéia, *O Ateneu*.

Filmes: *Feitiço do Tempo*, dir.: Harold Ramis (1993); *Matrix*, dir.: Lilly e Lana Wachowski (1999); *Solaris*, dir.: Andrei Tarkovski (1972); *Don Jon*, dir.: Joseph Gordon-Levitt (2013); *Shame*, dir.: Steve McQuenn (2011); *After Porn Ends*, dir.: Bryce Wagoner (2012); *Whiplash*, dir.: Damian Chazelle (2014); *Birdman*, dir.: Alejandro G. Iñárritu (2014); *Dez Bonequinhos de Pedreiros de Dezenove e Noventa e Nove*, dir.: André Miranda e Gui Campos (2011); *O*

Cheiro do Ralo, dir.: Heitor Dahlia (2007); *A concepção*, dir.: José Eduardo Belmonte (2005);

Séries e desenhos: *Sopranos* (1999-2007); *The Wire* (2002-2008); *Mad Men* (2007-2015); *Breaking Bad* (2008-2013); *Seinfeld* (1989-1998); *Family Guy* (1999-presente); *American Dad* (2005-presente); *Harvey Birdman, Attorney at Law* (2000-2007); *Bob Esponja Calça Quadrada* (1999-presente).

Músicas: Raul Seixas, *Al Capone* (1973), *Sociedade Alternativa* (1974), *Tente Outra Vez* (1983); Ozzy Osbourne, *Mr. Crowley* (1980); Sarah Vaughan, *Summertime* (1958); Eric Clapton, *Cocaine* (1977); Rammstein, *Alter Mann* (1997); Mastodon, *Chimes At Midnight* (2014); Black Sabbath, *Paranoid* (1970), *Sweatleaf* (1971), *Snowblind* (1972), *Killing Yourself To Live* (1973); Pantera, *Goddamn Electric* (2000); Pink Floyd, *Meddle* (1971), *Animals* (1977); The Beatles, *I Am the Walrus* (1967), *Happines is a Warm Gun* e *Helter Skelter* (1968), *I Want You (She's so Heavy)* (1969); The Rolling Stones, *Miss You* (1978); Natiruts [Nativus], *Presente de um Beija-flor* e *Surfista do Lago Paranoá* (1997); Eminem, *The Real Slim Shady* (2000); Neusa França Almeida e Geir Nuffer Campos, *Hino do Distrito Federal* (1960).